

1274A TERCETRA - ACORES MUMIRO 32

## BOLETIM INFORMATIVO

JUNHO 1995



" Trilhos d' Ilha - 95" - Pico da Lagoinha (Serreta)

#### SUMÁRIO:

PATRIMÓNIOS MUNDIAIS - DESPORTO / AVENTURA ("À Sombra do Vulcão") - A VEZ E A VOZ ("Terra Brava - Uma floresta a preservar") - BIBLIOGRAFIA ("Viagens Geológicas aos Açores") - TRILHOS d'ILHA - 95 ("Libertação" e "Comunhão") - AMBIENTE / PATRIMÓNIO NATURAL ("As Pedras Também Falam") - ALERTA ("Salvem o Milhafre") - ESPELEOLOGIA (Reportagem) - TRILHOS d'ILHA - 95 ("Explosão") - GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (Gruta da Achada - ilha Terceira) - RECORTES DO ALBUM - ÚLTIMO PINGO.

## PATRIMÓNIOS MUNDIAIS

Há cerca de três décadas, quando a Sociedade de Exploração Espeleológica "Os Montanheiros" foi constituida, com a sua individualidade própria determinada por seus estatutos, foi-o quase em simultâneo com a exploração do "menino de seus olhos", o Algar do Carvão, levada a cabo por essa geração de rapazes que, com a sua força braçal e amor à causa "rasgaram" o túnel que actualmente permite um fácil acesso ao algar.

E mais. Construiram toda a escadaria que penetra bem fundo na cavidade, e que não foi tarefa fácil de executar, se tivermos em atenção os recursos técnicos e materiais de então.

Estava-se na década de 60. Não era fácil obter apoios, embora alguns tenham sido conseguidos, sobretudo logísticos e dentro das disponibilidades governativas da altura.

Nesse tempo, não se falava em patrimónios mundiais. Cada qual cuidava do seu património e, no que toca a esta Sociedade, não só o Algar do Carvão, mas também tudo o que estava na nossa "dependência", foi sempre objecto do maior interesse e cuidados na respectiva preservação, contando-se para tal com a carolice dos elementos que foram compondo as sucessivas direcções desta colectividade.

Mudaram-se os tempos. Transformaram-se as mentalidades. Aboliram-se barreiras. Tomou forma a ideia do mercado comum, que viria a abranger os bens culturais e ambientais, considerados hoje como indispensáveis à valorização do Homem e da sua própria sobrevivência.

E sugiu a necessidade da classificação de certos bens como património mundial, no sentido de nada nem ninguém poder atentar contra os mesmos, por serem considerados como legados da Natureza ou da Humanidade que importa preservar e manter dentro de parâmetros legais estabelecidos.

O domínio em que se move esta Sociedade respeita sobretudo à vulcanoespeleologia e, nesta área, estamos em condições de testemunhar que, nos Açores, e muito especialmente na ilha do Pico, existem dezenas de grutas e algares que muito benéfico seria se fossem bens preservados, já que têm valor suficiente para tal.

Honrou-nos sobremaneira a visita que foi feita recentemente ao Algar do Carvão por peritos da UNESCO no sentido de, ao que supomos, avaliar da possibilidade de o mesmo constar da lista dos patrimónios mundiais.

A Sociedade de Exploração Espeleológica "Os Montanheiros", proprietária do Algar do Carvão desde há muito (através de doação que lhe foi feita em devido tempo) não ficará desmotivada se o mesmo não for classificado como património mundial, pois compreendem-se e aceitam-se os critérios que presidem à referida classificação. Aliás, o Algar do Carvão sempre foi considerado património a preservar pela Sociedade que, ao longo de 3 décadas, tudo tem feito, com desvelo e carinho, para que seja um cartaz turístico da ilha e da Região.

Mas estamos dispostos a colaborar com as entidades competentes, se se entender que, dentro de determinadas condições, o ex-libris vulcânico terceirense desperte interesse e reuna atributos suficientes para uma classificação a nivel mundial. Ou seja, dentro do possivel, e sem ónus financeiro, estaremos dispostos a rectificar o que eventualmente, seja considerado como elemento(s) dissonante(s). Estamos abertos ao diálogo, pois apenas desejamos o melhor para uma mais eficaz preservação do património vulcanoespeleológico dos Açores.

OS MONTANHEIROS SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA ILHA TERCEIRA - AÇORES

A propósito, apraz-nos registar nas páginas deste Boletim o artigo que Hermano Fernandes, nosso consócio e grande amigo de"Os Montanheiros" desde os primórdios da colectividade, publicou no matutio no angrense "Diário Insular" de 7/5/95, e que a seguir se reproduz:

## Atrás de tempo...

#### - H. Fernandes

Lemos no Diário Insular nº 14595, de 27 de Abril findo, sem surpresa, que o Algar do Carvão seria, de entre os muitos bens naturais dos Açores, um candidato de interesse mundial. E dissemos sem surpresa porque, acompanhando desde o início, as actividades de "Os Montanheiros" - um grupo de "carolas" a quem "muito boa gente" atribuiu, desde logo, um fim precoce - vimos a possibilidade de a Terceira vir a dispôr, mais tarde ou mais cedo, de naturais atractivos do ponto de vista turístico, que não só o Pico das Cruzinhas a dar-nos a bela panorâmica que todos conhecem, a Mata da Serreta. o Porto Martim e pouco mais.

Em "A União" nº 21.282, de 25 de Novembro de 1966, foi inserto um pequeno artigo subordinado ao título "Os Montanheiros e as suas actividades", no qual, além de outras considerações, escrevemos o seguinte:

"Assim fica desde já demonstrado que a actividade daquele grupo de briosos e destemidos exploradores do sub-solo terceirense, transpondo a distância que nos separa do continente, começa a dar bons frutos nos campos cultural, educativo e recreativo".

Mais adiante, depois de salientar o interesse científico de que se revestem as grutas naturais então descobertas, acrescentámos:

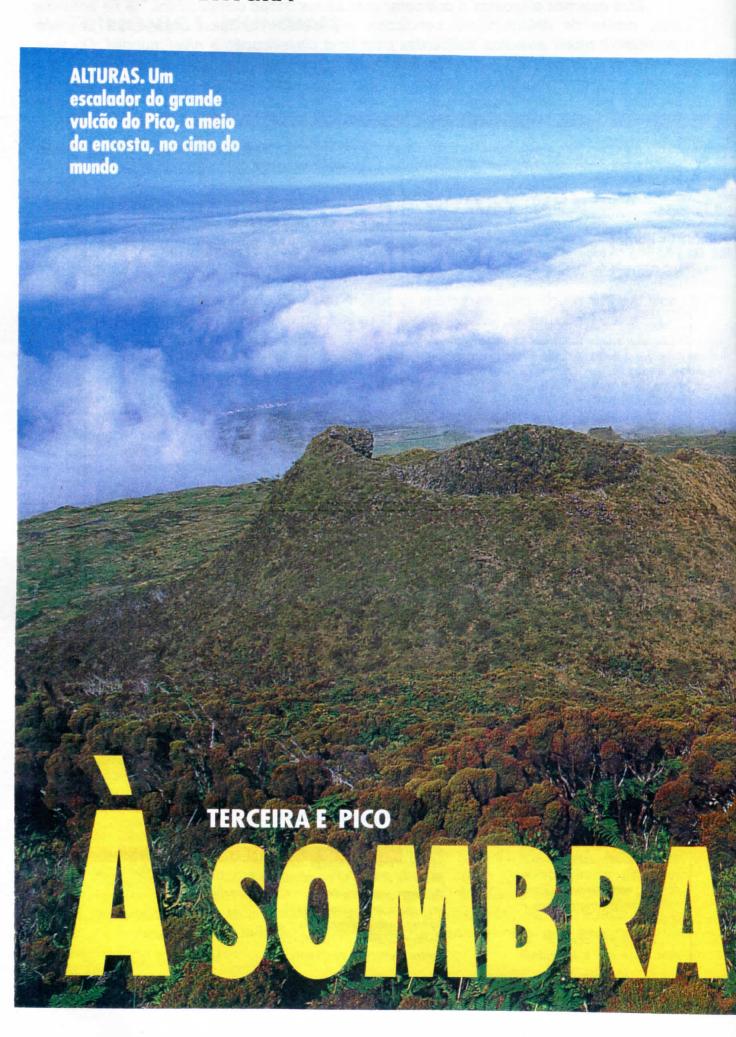
"Parece assim que no dia não muito longínquo se a "Os Montanheiros" todos dispensarmos o melhor carinho e compreensão porque então as ajudas materiais para continuação das suas actividades virão por acréscimo - em que o já famoso Algar do Carvão e as vastas e imponentes galerias exploradas, com as suas numerosas e grandiosas salas de admiráveis estalactites e estalagmites, puderem incluir-se no cartaz de propaganda turístico, terse-á dado um passo decisivo no sentido de elevar a Terceira ao nível de alguns dos maiores centros turísticos nacionais e

estrangeiros, sabido como é que em muitos países se tem tirado partido de motivos naturais de beleza bastante inferior à de tantos que abundam por estas ilhas".

Porque as tais ajudas e carinhos, não faltaram, não obstante algumas atitudes de desinteresse, como a de alguém com posição de destaque nos meios social, oficial e político de então ter dito ao primeiro presidente de "Os Montanheiros", àcerca de uma circular em que estes solicitavam ajudas e compreensão, "recebi, li, rasguei e deitei no cesto dos papéis", aí temos o Algar em posição de destaque. Pode não alcançar a muito dispendiosa classificação, mas ter sido já candidato a MUNDIAL é já uma honra para a Terceira e esta devida à "carolice" de meia dúzia de curiosos desejosos de desvendar as belezas escondidas no sub-solo desta sua ilha natal no meio do oceano plantada...

Atrás de tempo... tempo vem...

Angra, 3/5/95





## (texto e fotos)

objectivo da viagem organizada pelo Inatel sob o signo da Vulcano--Espeleologia, nas ilhas Terceira e Pico, incluía visitas guiadas a grutas, caldeiras e vulções. Era uma bela aventura em perspectiva, cheia de lama e pingos de lava, mergulhos nas entranhas da Terra e o prazer misterioso de pisar bocas adormecidas de vulcões. Não tinha nada de turismo de barriga cheia e hotel de cinco estrelas e sim, antes, mil estrelas observadas ao luar! Em princípio o programa era aliciante. Talvez por isso, a adesão resultou em cheio, mesmo apesar das recomendações iniciais: «... Em Angra do Heroísmo os participantes ficarão alojados numa camarata do Regimento de Guarnição n.º1 e, no Pico, em tendas, sendo por isso necessário levar sacos-cama. Recomenda-se roupa e calçado prático, para su-

Logo na primeira madrugada, numa ilha Terceira de capacete cinzento a ocultar picos e vulcões, o clarim pouco afinado de um recruta iniciado tocou a levantar. Duche frio em caserna de quartel ..., e toca a andar, sem esquecer as recomendações do oficial de dia de não perturbar o serviço ao passar na parada.

Paraíso anunciado. Passemos então ao largo das formaturas matinais dos jovens soldados aprendizes. Na parada, ouvem-se vozes firmes: «Soldado recruta 531, de faxina à caserna. Soldado recruta 543, fim-de-semana sem dispensa!...» Ficam para trás os primeiros berros de um sargento que tenta organizar o dia no quartel, enquanto o grupo da aventura desportiva, continentais de carapuça e mochila, lá vai descendo do Monte Brasil à descoberta da ilha verde ou, melhor ainda, em busca de um paraíso anunciado!

Nos Açores, pelo menos no que diz respeito ao tempo, não há nunca certeza de nada: acorda o dia carregado e chuvoso e logo faz um sol luminoso e aperta o calor. São quatro estações num dia, **Vivaldi** numa sessão. Baseado neste factor, o viajante necessita de reforçar o equipamento, para não ser apanhado descalço no meio da tormenta.

A primeira dificuldade a ter em conta é o peso do equipamento! Partimos então para o Algar do Carvão, à procura dos primeiros pingos de lava. Quem vai aos Açores, se quer ver o coração da ilha vulcânica, tem de caminhar muito pelos trilhos de um sertão terceirense maravilhoso e único em território português.

**Grutas.** No caminho profundo da Terra

#### Algar do Carvão.

No coração da ilha, a mais bela gruta dos Açores (ex-líbris vulcânico terceirense), o Algar do Carvão é lugar de visita obrigatória para cada visitante que percorre a Terceira. Para um grupo como este, já com alguma experiência destas coisas, o Algar do Carvão não passa de um aperitivo, por ser uma viagem a um lugar de entrada e visita fácil. Esta encantadora gruta pode ver-se de fatinho e gravata até com direito a iluminação!

Somos acompanhados por um guia de Os Montanheiros, conhecedor profundo de caminhos e grutas açorianas, tal como o pastor que conhece cada ovelha do seu rebanho. Mário Soares, durante a Presidência Aberta sobre Ambiente, esteve ali e, depois da visita, escreveu estas palavras: «Experiência inolvidável nesta verdadeira catedral geológica do Algar do Carvão.»

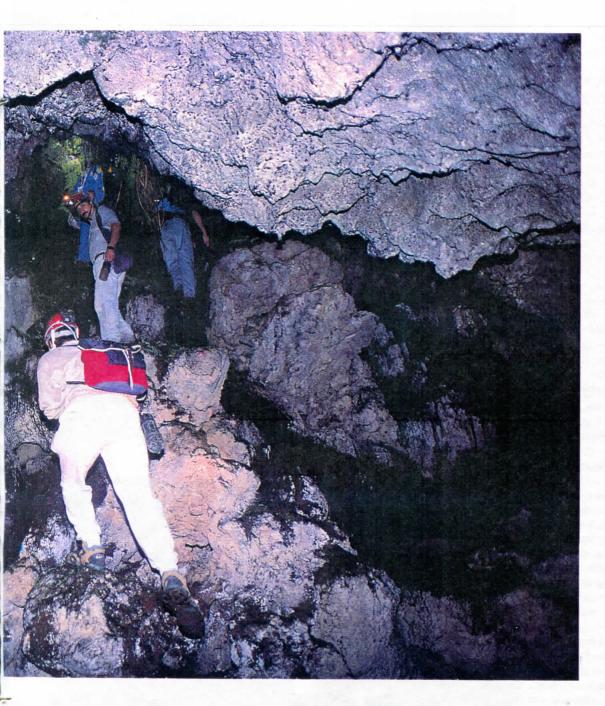
A aventura continua por um caminho antigo (nada de vias alcatroadas...) de terra batida que liga o Algar do Carvão a Agualva, uma via que toda a gente conhece pelo nome de «caminho do João Coelho». Depois de passarmos por uma casa em ruínas, isolada e já quase inteiramente absorvida pelas raízes da densa e envolvente vegetação, a que o nosso guia chama palheiro do Pico da Salsa, prosseguimos em veredas de rara beleza, ao encontro da nascente do Pico Alto, a fonte situada na base da caldeira da Agualva. O lugar é ideal para refazer forças, dessedentar o corpo e ouvir histórias ao acaso. Preparamos

ali o nosso pequeno «assalto» ao Pico Alto, que é um monte coberto por espessa vegetação com, «apenas», 700 metros de subida a pique! Seria uma espécie de treino para outros voos mais altos, na ilha do Pico.

**Histórias e lendas.** São lugares duplamente isolados que inspiram histórias e lendas quase fantásticas. Não admira, pois, que estas surjam logo ao primeiro contacto tido com um açoriano, que se abeira de nós quando estamos estendidos ao lado da fonte natural, por sobre a terra macia e inteiramente coberta de fofa relva.

João de Almeida foi carteiro durante





mais de 30 anos, e levou todo esse tempo a desbravar lugares como estes para entregar, a pé, cartas por tudo quanto era sítio. «Conheço isto tudo, esses mundos de Deus que andam por aí...» Conta histórias, das verídicas, como gosta de sublinhar. Não há como ele para isso.

Sempre bem disposto, mostra alguma ironia e malandrice, sobretudo quando recorda a entrega das cartas às raparigas com noivo em Angola, ou nas Américas. E João de Almeida não resiste a contar uma das suas melodramáticas histórias. Apontando para umas casas isoladas e em ruínas, visíveis a cerca de vinte metros da fonte, explica: «Ali, onde estão aquelas figueiras, era o casal de S. Jorge, e morava lá uma família estranha que quase nunca daqui saía. Era o João Brasil, da ilha de S. Jorge, que veio para aqui com a mulher e quatro ou cinco filhos. Roubavam madeiras, cortavam-nas e faziam carvão. Roubavam cabras e bezerras, e assim viviam, pode crer!»

E a história do nosso carteiro, sempre apoiada pelo colega de ocasião que abanava sistematicamente a cabeça em concordância, prossegue ainda mais terrível. «E de uma vez, o **João Brasil** roubou aí uma bezerra. Um

dos filhos mais novos, ainda crianca. atraído por um grupo de gente da Agualva que veio aqui para a fonte descansar e comer, nesse dia recusou a oferta habitual de comida. Então hoje não comes?' - disselhe um dos presentes. - 'Não tenho fome, o meu pai apanhou aí uma bezerra e temos muita carne em casa', respondeu-lhe o pobre e ingénuo rapaz. Alguém do grupo reagiu de imediato gritando aos presentes: 'Era minha a bezer-

O João Brasil lá se defendeu como pôde da acusação, mas no dia seguinte nem pestanejou quando atou uma corda ao pescoço do filho e, a coberto do isolamento do lugar, enforcouo no mais belo cedro que nascera ao lado da fonte...

#### A descoberta.

Refeitos do cansaço do corpo, abrasado o espírito pela história do **João Brasil**, lá vamos subir até ao grande Pico Alto para atravessar matas de urze, azevinho, fetos e zonas de extremo silêncio. Com a ajuda

dos Montanheiros da Terceira, temos a ilha por conta. Não há lugar mais secreto e distante que nos esteja vedado.

Esta gente, que conhece os lugares da ilha como as letras do alfabeto, entrega-se sem desfalecimento à descoberta e à preservação da Natureza, com o maior carinho do mundo. Com eles visitámos picos, grutas (Gruta da Malha, Gruta dos Balcões, Gruta dos Principiantes, Gruta dos Buracos) e correntes de lava negra (os chamados «Mistérios»), recobertas de verde urze. Esta lava, resultante da erupção vulcânica de 1761, brotou das entranhas do Pico do Fogo e escorreu pelo maciço

central da Terceira, para só se deter a quinhentos metros da vila dos Biscoitos, na orla marítima. Um milagre!

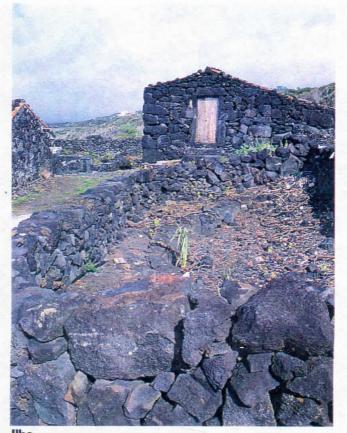
Estranhos nomes inscrevem-se no mapa labiríntico da ilha Terceira: «Morro Assombrado», «Babilónia», «Torres de Babel», «Arca Frigorífica», «Mistérios Negros», «Terra Brava», aqui, onde tudo é rústico, áspero e bravio. Lagoas e lagoinhas, caldeiras que já foram bocas de fogo, picos e rochas vulcânicas, umas mais ou menos recentes e ainda a levíssima pedra-pomes, cor de mel avermelhado, capaz de flutuar como a cortiça, fazem parte de uma natureza estranha mas muito bela.

Em 1843, o Padre **Jerónimo de Andra-**de escrevia: «Em muitos lugares da ilha Terceira, os matos são rotos e cheios de algares profundíssimos, cujas bocas muitas vezes estão escondidas pelos arbustos que os cruzam e cobrem de verdura. É necessário que os homens que os pretendam penetrar os vão sondando atentamente para não serem precipitados no abismo.» Hoje continua a ser assim. As ilhas açorianas são terras de vulcões, são os nossos abismos.

Pico negro. Lá vamos a caminho da ilha do Pico, sem vontade de deixar a Terceira. Ao mesmo tempo somos atraídos pela força magnética desse vulcão, que é o mais alto e o mais famoso emblema dos Açores.

O Pico é possivelmente a única ilha açoriana a que se deve chegar, não pelo ar, mas por mar, tal é a beleza da paisagem durante a aproximação à vila da Madalena, chegando da Horta. E lá está, como cenário de fundo, visível de todo o lado, o vulcão do Pico, quase sempre meio enrolado em nuvem circular, qual charuto erecto, envolvido por uma argola de fumo. Neste caso, para quem quer visitar a «Ilha Negra», a travessia do canal faz-se do Faial para o Pico no «Cruzeiro do Canal».

A ilha do Pico tem a forma de uma baleia deitada, com a cauda na Ponta do Castelete, expelindo o seu jacto respiratório por uma boca-vulcão agora inerte. Nenhuma outra ilha do mundo parece ter tamanha semelhança entre a forma da sua constituição geológica e a actividade pesqueira dos seus homens do mar. Actividade que tornou famosos os baleeiros das Lages do Pico, gente e drama que estiveram sempre presentes na obra de escritores importantes da língua portuguesa. como Vitorino Nemésio, Dias de Melo, Natália Correia ou Manuel Ferreira Duarte. «A alma do ilhéu exprime-se pelo mar», escreve Nemésio, acrescentando que, «como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar ... ».



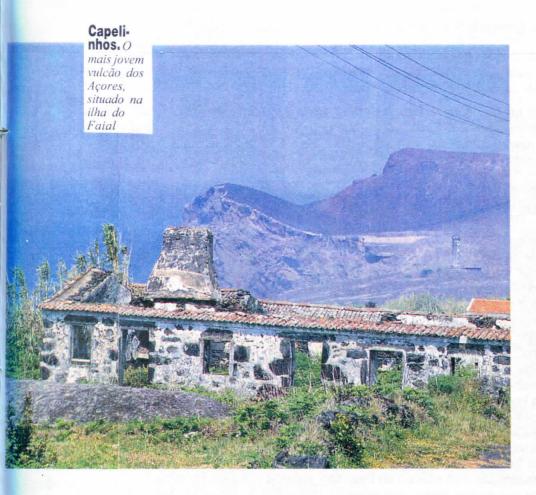
Ilha
negra.
A pedra
vulcânica
como
motivo
turístico

Mistério. Uma ajuda nos «Mistérios Negros» da Terceira



Lagos.
Quando se
forma uma
lagoa, o
lugar torna-se belo

#### VULCÕES DOS AÇORES





Natureza. Urze e espaços verdes



Caminho. Do Pico Alto

E se folhearmos ainda mais **Nemésio**, desanuviamos o Pico, em «Corsário das Ilhas»: «São três mil metros de lavas acasteladas que atalaiam as grandes solidões insulares onde abri os olhos ao mundo. Dá que pensar, esta altura severa a que sempre me lembro de ver (da Horta ou de Angra) alguma forma de neve ou nuvem agarrada. Aquele cabide de estratos me fez nefelibata...»

Subida ao Pico. Começamos a erguer alturas, para essa aventura inesquecível, ainda a madrugada mal começa. Para se obter uma boa visão do Pico ao romper do dia, é necessário dormir a meio dos seus 2500 metros, numa furna vulcânica, naturalmente ali colocada a meio do percurso, como se de uma estalagem de lava e pedra se tratasse. Mesmo em pleno Verão faz um frio de rachar.

Àstrês da manhã o grupo salta dos sacos-cama e ataca a subida. Vão ser mais de três horas em caminho ingreme, por terrenos dificeis, cobertos por tufos e raízes de urze fresca. Uma pequena distracção, um pé mal colocado no terreno de lava e lama, e pode ser «a morte do artista». É por tudo isto que ninguém deve escalar o Pico sem um guia que conheça bem os terrenos que se pisam.

Mal os primeiros raios de sol aparecem no horizonte, e começa a divisar-se o tecto de nuvens brancas que, mais abaixo, cobrem toda aterrae o mar à volta. Aqui e ali sobressaem uma meia dúzia de pequenas crateras de outros vulções mais reduzidos. Eles são como que os filhotes do grande Pico. Avisão é sublime, como se viajás semos de avião por cima de uma camada espessa de nuvens, com a vantagem de este avião estar parado numa pista imaginária de lava negra e terra verde, que é o nosso poiso. Mesmo assim é pena não podermos distinguir, lá em baixo, a Madalena e outros lugares da ilha, as casas, as igrejinhas brancas, as vaquinhas «black and white», os prados verdes, a ilha do Faial, ali tão perto, e o mar, aquele canal de tantos sofrimentos que separa as duas ilhas vizinhas.

A sombra do grande vulcão desenha-se agora em tons cinzentos por sobre as nuvens, terminando em cone estreito lá muito longe, nem se sabe onde. Depois, à medida que o sol vai aquecendo a terra negra e verde, o tecto de nuvens vai-se afastando, subindo, subindo, até desenhar o anel que quase sempre envolve o cimo do Pico. Ao meio-dia, quando regressamos à vila da Madalena, junto à orla marítima, e movimentamos o olhar no sentido inverso, é como se invertêssemos uma ampulheta do tempo. Agora é o Pico que está visivelmente encoberto.



## A VEZ E A VOZ

#### "TERRA BRAVA" - UMA FLORESTA A PRESERVAR

Poderá parecer abusivo da minha parte vir falar de um assunto que está relacionado com área da qual eu não possuo nenhuns conhecimentos. Estou ciente que não sou a pessoa indicada para escrever qualquer texto respeitante ao nosso património vegetal natural. Não sou especialista em questões de ambiente, nem sou operador turístico. Apenas sou, simplesmente, um bom conhecedor de todo o sertão terceirense.

Todavia, não pretendo mais do que dar um grito de "ALERTA" para uma urgente protecção daquela que penso ser, pelo seu aspecto paisagístico, a floresta mais espectacular da ilha Terceira, a "TERRA BRAVA".

Sei que uma grande percentagem da população da nossa ilha não conhece esta densa floresta. Posso dar uma ajuda, para quem estiver na disposição de ler o texto até à última linha. Tentarei esclarecer, dentro das minhas possibilidades, e dar uma ideia simples mas clara, sobre a imensidão desta emaranhada

floresta, e os prós e os contras das razões que me levaram a apresentar este texto.

Através do Caminho Central (Estrada do Cabrito) é fácil chegar à estrada José Ataíde da Câmara. Apanha-se, no lado esquerdo desta, um caminho de terra batida, um pouco antes da Praça Rafael Azevedo (largo do Algar do Carvão), e cujos nomes são vários, conhecendo-se por "Caminho do Pico Alto", "Estrada das Lagoinhas ou dos Alagadiços", "Estrada da Caldeira da Agualva", "Caminho de Penetração do Terreiro das Terças" ou por "Troço do Algar do Carvão - Agualva". "Os Montanheiros", dão-lhe o nome de "Caminho da Terra Brava", e julgo ser o mais adequado, dado que, dos seus 7 Km de extensão, cerca de cinco são ladeados, a norte e sul, por esta imensa e espectacular floresta.

A Terra Brava é uma floresta de vegetação endémica, com uma área que se aproxima dos 6 Km2, e não de 12 Km2 como alguns erradamente referem, talvez porque não saibam que o Biscoito da Ferraria, o Biscoito Rachado, o Morro Assombrado, o Sanguinhal e a Serra do Labaçal são, também, áreas cobertas de vegetação endémica de rara beleza, mas que em nada têm a ver com a Terra Brava. Todas estas

áreas (inclusivé a Terra Brava) fazem parte do maciço do Pico Alto: assim é que está correcto.

A Terra Brava é constituida por muitos picos, dos quais se destacam os picos "do Mau Olho" (este tem sofrido os flagelos da força das máquinas para a exploração de bagacina), o Rachado e o Agudo, este oferecendo, a quem quer que lá vá uma das melhores panorâmicas da ilha. Também a Serra da Agualva faz parte da Terra Brava. Muitas grotas nascem nas zonas altas e morrem nos muitos charcos que lá existem. Esta floresta é, concerteza, o grande reservatório de água das muitas nascentes que a freguesia da Agualva tem, o que justifica nomes como "Alagadiços" e "Lagoa Seca", ou outros nomes como os Picos da Rama, da Salsa, os Três Piquinhos, Vale Fundo, Desfiladeiro da Rochinha; e muitas outras pequenas lombas fazem parte da vasta área da Terra Brava.

Sobre esta densa floresta, muito pouco se sabe. Lembro, aqui, o que o tenente-coronel José Agostinho proferiu em palestra no Rádio Clube d'Angra em Maio de 1965 no que diz respeito à Terra Brava:

- (...) "Toda aquela vasta zona do centro da ilha Terceira, é constituída pelos destroços de um vulcão, ainda mal estudado, o vulcão da Agualva. Ainda ninguém ordenou aquilo num conjunto aceitável. Para a nossa gente é a Terra Brava. O nome é bem apropriado, pois tudo ali é rústico, áspero e bravio, desde os Picos, os outeiros e as covas, até à vegetação que tudo invade e que em certas partes se emaranha de tal sorte, que ninguém rompe por ela"(...).
  - (...) "Por ali se topam arbustos e outras plantas da flora primitiva da ilha" (...). (...) "Muito há que estudar ali em tudo o que toca à História Natural" (...).

Sobre os matos da ilha Terceira, o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, no século passado escreveu:

(...) "Em muitos lugares da ilha, os matos são rotos e cheios de algares profundíssimos, cujas bocas muitas vezes estão escondidas pelos arbustos, que os cruzam e cobrem de verdura. É necessário que os homens, que os pretendem penetrar os vão sondando atentamente para não serem precipitados em abismos" (...).

Certamente que se referia à vasta área do maciço do Pico Alto, principalmente às áreas que envolvem o Biscoito Rachado, o espectacular "Morro Assombrado" com um relevo medonho e confuso, e à densa floresta da Terra Brava.

Os algares, por ele citados de "profundíssimos", não passam de grandes fendas, que rasgam a terra, algumas com mais de cem metros de comprimento e que oscilam entre os cinco e os trinta metros de altura, muitas delas ultrapassando os dois metros de largura, o que por vezes provoca um confuso labirinto de fendas, como é o caso do selvagem mas espectacular "Morro Assombrado".

Quase toda a superfície da Terra Brava é , ainda hoje, na sua maior parte coberta de vegetação. Lá se encontra o cedro e o louro do mato, a urze, o tamujo, o sanguinho, o folhado, o pau - branco, o vinhático, a rapa, e o azevinho. Algumas destas espécies, infelizmente, estão a desaparecer em força e várias são as razões. Já no século passado, o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade escrevia sobre as nossas florestas o seguinte:

(...) "Nada há mais ordinário que ver imensas campinas, noutro tempo tão abundantes em lenha, hoje

inteiramente nuas, baldias e ericadas de espeques" (...).

(...) "Este mal cresce de dia a dia, e em poucos anos serão destruídas todas as lenhas da ilha" (...).

Felizmente, isto ainda não aconteceu, mas já foi dado o primeiro passo. Observando a Terra Brava, actualmente, pode-se presenciar uma boa área da sua superfície que não escapou aos flagelos da força das máquinas, manobradas pela mão impune do Homem, deixando devastadas grandes clareiras desprovidas de vegetação, que a Natureza teimou em criar durante tantos anos.

Toda esta área foi desmantelada em favor da plantação do eucalipto, a qual muito pouco ou nada se

tem desenvolvido naquele terreno tão irregular, antes ocupado pela flora primitiva da ilha.

Ao avançar-se para a degradação da Terra Brava, aumenta-se progressivamente a destruição de "habitats" de várias espécies da flora e fauna; a continuar-se com tal negligência, que aqui e ali vem sendo verificada (e não é só na Terra Brava), isso pode significar uma espera de algumas dezenas de anos para uma recuperação de tais valores. O Homem, por falta de sensibilização e informação, tem contribuido, em grande parte, para o seu desmantelamento: veja-se o caso dos picos das Pardelas, da Lomba, do Tamujo e Queimados, estes na freguesia do Raminho; e numa das encostas da Serra da Agualva, em que a flora primitiva foi trocada por uma introdução maciça de florestas de "importação" para exploração, com predominância da "Criptoméria Japónica", que tem sido triunfadora e em cujas áreas se sente "rainha" matando por completo muitas espécies endémicas.

Quanto às "árvores sugadoras", (assim são conhecidas no nosso meio) o tristemente já célebre "eucalipto" tem sido alvo de variadas contestações pelos mais diversos sectores públicos e privados, pela

inevitável degradação dos solos que provoca no meio ambiente.

A plantação de eucalipto nos Açores, foi mais intensiva na ilha Terceira, e foi a Terra Brava que mais sofreu com a implantação maciça destas "árvores sugadoras", contribuindo para a degradação desta floresta, alterando profundamente a sua paisagem.

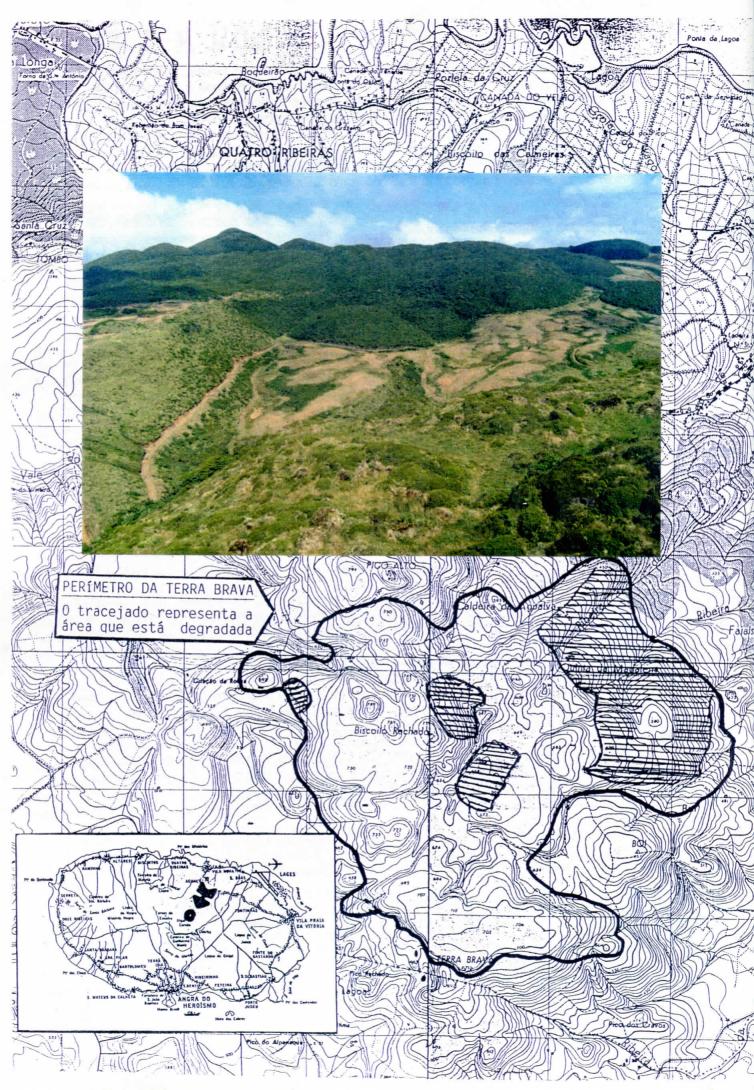
Tem-se constatado (segundo os entendidos nesta matéria)que a implantação dos eucaliptais, abrangendo áreas em solos de aptidão florestal, é prejudicial ao desenvolvimento de outras plantas. Mas se fizermos uma comparação com e gigantesco povoado de "Criptoméria Japónica", julgo que esta ganha a competição em larga escala, e a prova disto é o deserto que se verifica debaixo desta espécie, morrendo quase por completo toda a vida vegetal que exista sob o seu domínio territorial.

Não se entende que áreas tão aprazíveis, cobertas de vegetação endémica, como a Terra Brava e o Pico da Lagoinha (na Serreta) não tenham sido incluídas nas reservas já existentes, ao contrário de outras áreas, que delas fazem parte e que muito pouco têm da flora primitiva, como são os casos do Pico das Pardelas (que faz parte da reserva integral do Biscoito da Ferraria) e dos Picos Gordos, da Cancela e da Lomba, reserva parcial da Serra de Santa Bárbara, notando-se à distancia as alterações paisagísticas, trocando-se a flora primitiva pela plantação "doentia" da Cryptoméria Japónica. Apetece dizer que o escaravelho japonês não foi a única "praga" que entrou na ilha Terceira. Outras pragas chegaram primeiro.

Antes de se classificar determinadas àreas, há que, primeiramente, estudar as suas riquezas primitivas e os "habitats" da flora e fauna em zonas potencialmente preserváveis pelo seu conjunto endémico e paisagístico.

Outra questão que tem contribuído para a degradação da Terra Brava tem sido a acção do pastoreio, em especial de cabras. O azevinho é que tem sido a vítima nas mãos dos "Cabreiros", pelos constantes cortes, para garante da alimentação dos animais, tornando sucessivamente o número desta espécie cada vez mais reduzido.

Outros actos de pura selvajaria, também cometidos pela mão do Homem, e que têm abrangido algumas áreas das nossas florestas, (não sei para que fins, talvez interesses económicos?...) têm sido provocados por incêndios: como testemunho, estão as Lombas Queimadas, sobranceiras aos Mistérios Negros e as pequenas clareiras, perto da Rocha do Chambre junto à floresta de tão rara beleza - o Morro Assombrado. Fogo provocado, talvez para cercar cabras selvagens, que em número muito reduzido existem ainda nas áreas abrangidas pela reserva integral do Biscoito da Ferraria.



Felizmente, a propagação dos riscos de incêndio não tem sido muito significativa, talvez pelo facto da chuva, que ao longo do ano cai sobre as florestas da nossa Região. No que concerne à Terra Brava, esta não tem conhecido a ocorrência de incêndios, e ainda bem, mas tem sido alvo, com certa frequência, de actos abusivos e de verdadeiros atentados, todos provocados pela mão do Homem, fazendo destoar a sua beleza paisagística aos olhos de quem a visita.

Ainda me lembro da Terra Brava há vinte anos atrás. Como era diferente o seu aspecto paisagístico. Até o velho "Caminho do João Coelho" que atravessava grande parte desta floresta, e que, todo ele, obedecia aos contornos que a Terra Brava exige, bem integrado na paisagem, mal se dava por ele: ainda hoje se pode percorrer cerca de 500 metros deste velho caminho na Caldeira da Agualva. Outros tempos!.

Em que a Terra Brava, era um manto verde, revestida de vegetação endémica.

É urgente criar condições para uma melhor educação e sensibilização sobre o nosso património vegetal natural. Neste sentido, os primeiros passos terão que ser dados nos estabelecimentos de ensino

básico, sensibilizando os jovens para os problemas de conservação do nosso meio ambiente.

É fundamental alertar a população, incentivando-a, com campanhas de informação com bastante clareza, distribuindo programas informativos nas zonas rurais, quer nas Casas do Povo e Sociedades Recreativas, quer nos estabelecimentos escolares, e inclusivé nas igrejas, para um melhor conhecimento popular, esclarecendo-se a importância que tem para todos nós a preservação do meio ambiente em que vivemos.

As Autarquias e Juntas de Freguesia terão, sem dúvida, um papel importante na divulgação e defesa do património natural.

Os Orgãos de Comunicação Social da R.A.A., também podem (e devem!) apresentar textos sobre o meio ambiente, divulgando às populações as riquezas ambientais e paisagísticas que nós temos, sensibilizando-as para a protecção e defesa das nossas florestas.

Seria mais premente que fosse criada uma legislação mais apropriada ao nosso meio, para a protecção das reservas parciais e integrais. É necessário que as leis sejam cumpridas, que se defendam as paisagens protegidas com uma fiscalização correta, para que se possam gerir, manter e valorizar as

nossas características ambientais, de que os açoreanos tanto se orgulham.

Aproveito para fazer aqui um apelo, porque penso que é de extrema importância. Para a sensibilização sobre o património vegetal natural, é fundamental que não seja vedada a penetração em qualquer género de reservas, especialmente à Juventude, porque só dando oportunidade aos jovens e a todos os que amam a Natureza pode haver contacto directo com algumas belezas naturais que, até à data, lhes têm sido vedadas.

Eu penso, e julgo que estou certo, que o primeiro passo para a sensibilização é pôr em prática actividades que não prejudicam em nada a Natureza, antes pelo contrário; ou será que observar, estudar, fotografar e filmar, não é uma forma de valorizar, defender, respeitar e preservar as nossas florestas endémicas e pasagísticas.

Os Açoreanos têm o direito de partilhar em comum todas as belezas que a Natureza nos legou. Já

basta o islolamento das ilhas, e nem todes têm possibilidades de ir mais além.

Os que por cá ficam, vão-se contentando com as maravilhas naturais que temos (só com as que se pode ver), e felizmente são muitas, na Região. Mas, é preciso que quem de direito abra as portas à imaginação, para criar uma nova mentalidade na sensibilização das áreas de extraordinária beleza que abundam nas nossas ilhas, e fazer com que, os mais interessados, possam gozar destas belezas através dum contacto directo com as reservas "proibidas".

Compete também às entidades responsáveis, quer pelo Turismo, quer pelo Ambiente, encontrar as soluções ideais para trazer aos Açores um tipo especial de turismo - o Turismo da Natureza e tudo quanto puder ser feito para possibilitar a visita desses turistas, a meu ver é positivo.

Não é só no Verão, que os Açores oferecem condições para chamar turistas.

Penso que não é complicado trazer à nossa Região turistas no inverno, se para tal, forem criadas as condições necessárias, aproveitando as potencialidades ambientais e paisagísticas que todas as ilhas oferecem.

Encontrar na Europa imponentes montanhas cobertas de neve e de rara beleza, para a prática do desporto, é claro que é facil. Isto nós não temos. Mas encontrar florestas revestidas de vegetação primitiva e de extraordinária beleza paisagística como as nossas, não é muito fácil, e isto, felizmente, nós temos, para além de outas exclusividades naturais espalhadas pelo Arquipélago, para deleite de quem quer que nos visite, constituindo no seu todo, um polo de atracção turística.

Há que avançar com ideias viáveis para esse tipo de turismo.

Há que preparar e sensibilizar pessoas para guia: r e acompanhar quem nos visita.

Há que organizar percursos pedestres, de curta e longa distância, e há que apoiar mais as colectividades que organizam múltiplas actividades ao ar livre. Porque, não é só com o espírito de sacrifício e a boa vontade destas colectividades que, de uma forma eficaz, se podem resolver os problemas ambientais e outros mais.

Talvez eu seja suspeito ao vir agora, aqui, falar das grandes dificuldades existentes nas colectividades do género, uma vez que sou elemento integrante da equipa de "Os Montanheiros".

Mas, que a justiça lhes seja feita, e não será demais lembrar (e penso que não é novidade para ninguém), que as pequenas equipas que têm constituido "Os Montanheiros" (modéstia à parte), muito têm feito em prol do engrandecimento da ilha Terceira e dos Açores.

Tem-se notado nos últimos anos vários departamentos oficiais e privados debaterem-se sobre questões ambientais, (e é bom que assim seja). Mas também é bom lembrar que "Os Montanheiros" há mais de três décadas, que se debruçam sobre as matérias relacionadas com o ambiente que nos rodeia.

"Os Montanheiros" andaram alguns anos a navegar contra a maré, sozinhos, mas lá por isto, não deixaram de prestar um bom serviço ao Arquipélago. E continuarão a faze-lo, dentro das possibilidades pessoais e profissionais dos elementos que compôem esta colectividade, com o mesmo empenho e dedicação, como tem sido demonstrado ao longo dos anos com as mais evidentes provas bem patentes no nosso museu vulcanoespeleológico e nos arquivos da nossa colectividade.

Bem, mas voltando novamente às florestas dos Açores, tem-se presenciado nos últimos tempos que a protecção destas tem sido, sem dúvida alguma, insuficiente perante a extensão da gravidade e dos perigos que ameaçam a flora primitiva. Compete às autoridades regionais a responsabilidade da preservação das florestas de especial interesse. Embora já tenham sido dados alguns passos nesse sentido, a Terra Brava, com toda a sua beleza paisagística, continua esquecida.

Quantas vezes, esta floresta, já foi atingida por incúria humana?...

Será que ninguém com responsabilidades irá pôr fim a isto?!...

Embora nos últimos anos tenha sofrido actos de verdadeiros atentados, contribuindo para a sua degradação, uma grande parte desta floresta bastante densa ainda persiste na sua forma original, estando ainda a tempo de a salvaguardar dos flagelos que possam advir futuramente, já que ela faz parte das poucas florestas virgens da Europa.

Haverá que criar alternativas para a preservação e protecção do nosso património natural existente, principalmente nas áreas mais ricas e repesentativas pela sua vegetação e seus endemismos, e a Terra Brava, não pode, nem deve, entrar no jogo do "empurra p'ra lá empurra p'ra cá", nem fazer parte das "ondas do esquecimento".

Actualmente, essas ondas parecem correr a favor da Terra Brava.

A CELBI, proprietária da vasta área, que abrange a Terra Brava, o Sanguinhal, metade do Biscoito da Ferraria e uma parte do Biscoito Rachado, já colocou todas estas áreas à disposição de quem estiver interessado na sua adjudicação.

Aqui está uma boa oportunidade para, finalmente, se avançar para a preservação da Terra Brava, para que não continue a ser uma floresta abandonada, à disposição de todos os malefícios.

Resta-me acrescentar que nada inventei sobre tudo o que aqui foi citado, nem fiquei esgotado pelo que disse sobre esta floresta.

O dificil, foi ter que retratar o que infelizmente, por lá se vê, e que, insisto e repito teimosamente, para mais uma vez fazer aqui uma chamada de atenção, para a preservação da beleza predominante desta floresta endémica, a qual, se não fosse atingida pela mão do Homem, nada ali teria mudado no decorrer dos séculos.

Como referi no princípio deste texto não sou de facto a pessoa indicada para falar da temática ambiental. Estou consciente de que tudo o que aqui narrei foi com a melhor das intenções que o fiz, esperando que este alerta que faço, sobre a preservação da Terra Brava, não venha a cair em "saco roto"; e que, futuramente, haja mais respeito pelas belezas que a Natureza levou tantos anos a criar.

Sei, também, que este texto teria muito mais realce (perante as entidades ligadas a esta matéria), se fosse apresentado por alguém entendido em questões de ambiente e, talvez, o impacto ainda seria maior se fosse simplesmente assinado por um "punho de peso" da nossa sociedade.

Aprendi em criança, que tudo quanto se faça, mesmo sendo bem feito, é sempre pouco. Mas, fazer pouco e bem feito, é fazer alguma coisa de útil.

Termino, com uma frase lapidar:

"DESMANTELAR UMA FLORESTA É CONDUZI-LA A UM DESERTO!".

Angra do Heroísmo, Junho de 1995

## BIBLIUGRAFIA

"VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES", Mr.F.Fouqué, 1873

(CONTINUAÇÃO DO NOMERO ANTERIOR)

 $\Pi$ I

As culturas na ilha de S. Miguel—O mundo organico nos Açores

A importancia das desigualdades do solo e o gráo d'alteração das rochas são os indicios principaes pelos quaes se conhece a antiguidade dos terrenos de origem eruptiva. Considerando-se a ilha de S. Miguel debaixo d'este duplo ponto de vista, conhece-se logo que ella apresenta nas suas duas extremidades duas regiões das quaes a idade é mais antiga do que a parte central da ilha. Estas duas regiões, uma oriental, outra occidental, formaram antigamente duas ilhas separadas e distinctas, mais separadas uma da outra que o Pico o está do Fayal, a primeira estendendo-se de este ao oeste, a segunda de noroeste ao sueste. O intervallo entre as duas ilhas foi entulhado por uma serie de erupções. Um grande numero de cones vulcanicos se elevaram n'este espaço, e numerosas correntes de lava ali se precipitaram formando d'um lado e outro uma especie de planicie pedregosa. As cinsas e as laphysias lançadas por estas erupções espalharam-se no meio dos rochedos, e todos estes detritos, alterados pela acção da humidade, constituiram uma terra vegetal de incomparavel fertilidade. E' esta a parte mais rica e povoada de S. Miguel. E' na costa sul da mesma que está edificada a cidade de Ponta Delgada, capital da ilha, e na costa do norte a Villa da Ribeira Grande, igualmente consideravel.

Toda esta extenção de terrenos é dividida e subdividida em espaços rodiados de elevados muros, e chamados na ilha—Quintas. A cultura predominante é a da laranjeira. Em cada anno, são colhidos centos de milhões de laranjas, e enviados aos mercados de Londres. Não existe talvez no mundo districto algum em que a cultura seja tão productiva. A laranjeira doce não perten-

ce, bem como as suas congeneres da mesma familia, á flora primitiva de S. Miguel; não se conhece a epoca exacta da sua introducção na ilha, mas deve ter sido certamente pouco tempo depois da sua descoberia. Os botanicos consideram esta arvore como originaria das regiões mais orientaes da Asia, e concordam que não foi introdusida na Europa senão muito tempo depois da laranjeira azeda, e sómente no decurso do seculo 15.º. Cem annos mais tarde, achamol-a já cultivada em grande escalla em S. Miguel. Fructuoso, cuja preciosa chronica remonta ao meio do 16.º seculo, faz menção d'uma — Quinta - situada proximo de Ponta Delgada, na qual se vião umas cem laranjeiras muito bonitas. Limoeiros, cidreiras e limeiras, e outras muitas arvores de fructo do continente europeo vegetavam n'aquella Quinta; carradas de laran jas sahião todos os annos d'ali e abondavam a cidade visinha. A flor, em logar de ser despresada como na actualidade, fornecia, pela distillação uma grande quantidade de essencia de excellente qualidade.

O commercio de laranjas começou a tomar um certo desenvolvimento em S. Miguel no decurso do ultimo seculo; mais tarde, a guerra e o bloqueio continental contribuiram para o augmentar e favorecer. A intima alliança que então se estabeleceo entre a Inglaterra e Portugal estabeleceu relações commerciaes entre os dois paizes e facultou um meio de extracção quasi illimitado para os productos de S. Miguel. Com tudo a producção de laranjas não tomou verdadeiramente na ilha um impulso consideravel senão durante os ultimos trinta annos. No começou não abrigavam os laranjaes: plantavam-nos a grande distancia uns dos outros, obtendo assim arvores magnificas que cobriam um espaço enorme com a sua ramada espeça, e que algumas vezes se carregavam com 15 ou vin-

te mil fructos. Algumas d'estas laranjeiras tialiani um metro de diametro. Collocavam uma grande pedra no centro da ramada da laranjeira para forçar as hastes a separarem-se para os lados e conserval-as em pequena altura do sollo, ficando assim mais ao abrigo dos ventos, mais tarde renunciarão a este systema, que tinha inconvenientes em rasão dos furações que reinavão durante os invernos. Uma noite de tempestade bastava muitas vezes, para juncar o sollo de laranjas em perfeito estado de sasonamento, e destruir a melhor colheita; algumas vezes as proprias arvores erão arrancadas e destruidas. Finalmente os rebentos delicados desenvolvidos pela seiva da primavera soffrião quasi sempre muito com a humidade salina trasida pelo vento do mar. Veio então a lembrança de cercar as laranjeiras, em pequenos grupos, com abrigos formados por arvores diversas; mas bem depressa se reconheceo que a sombra era nociva para o crescimento e sazonamento dos fructos; foi necessario alargar os pomares e só depois de 1845 é que parece ter sido adoptada difinitivamente uma disposição normal. As quir tas são actualmente divididas em quarteis de 40 a 50 metros de face; parêdes de pedra seca, de 3 a 6 metros de altura, rodeião nas por todos os lados. Os ventos os mais impetuosos acham encontro n'estes muros espessos compostos de volumosos pedaços de basalto, densos, cujas faces rugosas são unidas estreitamente. A parede assim construida é internamente secundada por uma linha de fayas plantadas mui proximas umas das outras. Estas arvores de rapidó crescimento excedem bem depressa o mais alto da parede a que estão encostadas, e formão acima da mesma uma muralha de verdura com muitos metros d'altura.

Depois de muitas experiencias para procurar qual a planta mais conveniente para a formação dos abrigos, parece serem concordes geralmente em dar a preferencia á planta açoriana por excellencia, a faya. As experiencias realisadas para a substituir são comtudo assas interessantes e merecem que d'ellas façamos menção. Durante muitos annos, a preferencia foi dada ao pittos porum undulatum, arvore de bonito porte,

com folhagem sempre verde, originario da Australia e introduzido da Inglaterra ha trinta e cinco annos. Esta arvore seduzia pela belesa de suas folhas e rapido crescimento; mas esgotava o terreno tornando-se prejudical á vegetação das plantas que se metião sob a sua protecção. O loureiro das Canarias e o loureiro da India (1) possuem egualmente uma bella folhagem e são de rapido crescimento; porem as suas raizes estendem-se até grande distancia esgotando o sollo. As favas ao contrario fertilisam a terra: suas folhas em decomposição constituem um excellente estrume. Não somente não roubão ás arvores que lhes estão proximas os succos nutritivos de que ellas carecem, mas muitas, taes como o carvalho e outras, desenvolvem-se melhor junto d'ellas do que estando iscladas. O pittosporum tabira é empregado nas quintas proximas do mar; resiste melhor do que a faya á poeira d'agua salgada que o vento lança sobre a costa. O carinocarpus lavigatus, originario da Australia, resiste igualmente á acção das brisas do mar, e tem alem d'isso a vantageni de supportar o corte. A accacia melanoxylon é apreciada em circunstancias diversas, pois não vegeta bem senão em sitios assaz distantes do mar. Logo a ressalga não a attinge, cresce com rapidez, não prejudica o sollo e presta excellente abrigo. A experiencia mais curiosa é a feita com a nespereira do Japão (eriobotrya ja-. ponica), que reune a todas as vantagens apontadas a de possuir grandes folhas em grande abundancia, e de produzir um fructo comestlvel; infelizmente não se presta á poda. Emquanto as arvores destinadas a formar os abrigos não tomão o desenvolvimento preciso, fazem uns abrigos provisorios, semeando uma especie de giesteira que cresce rapidamente, e que se arranca passados tres ou quatro annos. O emprego dos abrigos deteriorará a qualidade das laranjas, como se tem afirmado? roubarão elles á arvore fructifera o ar e o sol precisos para o completo sasonamento dos fructos? Tornão elles a casca da laranja mais grossa e mais tenra, o que prejudicaria para a conservação do fructo? São estas ou-

<sup>(1)</sup> Laurus canariausis et persea azorica.

tras tantas questões cuja solução é bem difficil, e que só poderião ser resolvidas por uma serie continuada d'observações impar-

O terreno das plantações deve ser trabalhado durante quatro ou cinco annos. Depois, duas vezes por anno, dá-se lhe um sacho superficial. Muitas vezes semeia se tremoço, que se enterra com a enchada para engrossar o terreno. Nos terrenos fracos esta operação é indispensavel todos os annos; poucas vezes empregão outros adubos. Todos os annos, cortão os ramos seccos, espontão-se os rebentos armados d'aguilhões, mas não podam, alem d'isso, as laranjeiras. Em occasiões de secca, regão as laranjeiras, se ha facilidade em obter a agua precisa. As podas dos abrigos que teem logar todos os annos, produzem uma média de 300 aéhas de lenha por hectara, as quaes se vendem a rasão de 7 francos por cada 100. As laranjeiras são plantadas em xadrez: antigamente deixavão entre ellas intervallos de 15 metros, mas de algum tempo para cá deminuirão as distancias; plantão-nos geralmente a 10 metros umas das outras. Desde o primeiro anno, a planta dá algumas vezes, fructo, com tudo não entra em plena producção senão no fim de dez annos; então, se ella se acha em bom estado, e em bom terreno, produz de 1,000 a 1,500 laranjas. Uma arvore de mais idade e vigor e que tem grandes ramadas regularmente dispostas pode dar uma colheita de 7,000 a 8,000 laranjas. Nas quintas mais extensas, as laranjeiras não dão menos, termo medio, de 600 fructos por planta, em quanto que produzem geralmente de 2,500 a 3,000 nos pequenos quintaes,

As variedades de laranjas comestiveis cultivadas nos Açores são em numero de seis principaes. A laranja commum é de tamanho mediano, levemente acida e muito saborosa. A casca é muito fina e aderente ao fructo; tornando-se um pouco grossa no fim da colheita. Os lobulos da parte carnosa separão-se difficilmente uns dos outros: para a soborear convenientemente, é preciso fazer uso d'um instrumento cortante. A laranja cumprida é mais aromatica do que a precedente e mais acida, sobretudo nos

primeiros mezes de inverno; a arvore que a produz raras vezes muitos fructos. Designão com o nome de laranja prata uma variedade mais pequena, de miolo muito firme, de pelle extremamente fina e côr d'um amarello esverdiado claro. A laranja selecta é volumosa, de excellente saibo, e pouca acida; a casca tem uma côr amarello torrado. E' isenta de pevides e não amadurece senão em abril o que lhe dá um grande valor. A laranja d'embigo é chata e muito doce; é a variedade que produz maiores fructos. Vem finalmente a tangerina, que me pareceu ser differente da de Malta por uma aderencia mais tenaz da casca á parte carnosa. Esta união mais intima da zona cortical do fructo á massa dos lobulos interiores parece distinguir rodas as laranjas dos Açores das variedades correspondentes

da Hespanha e da Italia.

A laranja começa a amadurecer no fim d'outubro; mas só no mez de janeiro é que se colhem as melhores qualidades. A colheita termina em maio. A multiplicação da laranjeira verifica-se por meio de cestos e de mergulhões. O primeiro processo foi adoptado dos chinas, é muito empregado ha alguns annos a esta parte. Escolhe-se um galho de 4 a 5 centimetros de diametro, no qual se pratica uma incisão circular. Em roda da incisão, colloca-se o cesto em forma de funil aberto por cima e cheio de terra calcada. Esta operação verifica-se de 15 de maio a 15 de junho; as raizes adventicias não se demorão em formar se, e no inverno seguinte o ramo está provido de raizes sufficientes para poder ser separado da planta mãi. A nova planta obtida por este processo dá, muitas vezes, fructo no fim de dois ou tres annos. No começo, empregava-se exclusivamente a multiplicação por meio de enxerto em cavallos obtidos por sementeira. Actualmente este methodo é ainda empregado em concurrencia com o precedente; comtudo tem sido, um pouco, posto de parte por causa da lentidão relativa com que as arvores assim obtidas começão a dar fructo. Affirma-se porem que as plantas obtidas por este meio dão melhores fructos e darão mais tempo do que as outras.

A laranja doce reproduz-se também por

sementeira. E' este um facto que merece reflexão, porque ha alguns botanicos que considerão a laranjeira doce como sendo uma simples variedade da laranjeira d'espinho de fructo amargo. Se esta hypothese fôsse real, quando se semeasse uma pevide de laranja dôce, dever-se-hia obter, em harmonia com a lei geral, uma planta pretencendo ao typo primitivo. Comtudo, ao menos nos Açores. não acontece isso. A planta proveniente de tal sementeira, é certo que tem o porte, a folhagem, e os espinhos da laranjeira azêda, mas os fructos que produz, ainda que não teem nunca o sabor dos da planta mãi, não teem tão pouco, o amargo dos da especie silvestre. Dever-se-hia, ao menos por meio de repetidas sementeiras, obter plantas que se aproximassem cada vez mais do typo fundamental da especie, isto é da laranjeira de fructo amargo; até agora a experiencia não parece confirmar esta possibilidade. E' forçoso pois, admittir, ou que a laranja doce provem realmente d'uma especie particular que não differe da azeda senão pela qualidade do fructo, ou que a variedade formada possue uma estabilidade

A colheita das laranjas realisa-se rapidamente e sem difficuldade. Apezar da contitinua emigração para as duas Americas, a população superabunda nos Açores, e a mão d'obra é muito barata. As laranjas apanhadas com cuidado, são conduzidas ao barracão destinado para o encaixotamento. Este trabalho é feito por ranchos de homens, mulheres e crianças, que trazem sobre a cabeça ou sobre os hombros grandes cestos carregados de fructos, e correndo descalços, levando-os ao logar do deposito. Alli cada laranja é embrulhada em uma folha secca de milho, e colocada na caixa. O formato da caixa mudou completamente no intervallo que mediou entre as minhas duas viagens aos Açores. Até então servião-se de grandes caixas de faces rectangulares podendo, segundo os annos, conter de 700 a 900 laranjas da variedade commum. O fructo é tanto maior quanto o verão é mais humido. Taboas delgadas e flexiveis formavam uma tampa convexa, muito pouco solida, na concavidade da qual arrumavão quasi outras tantas laranjas, quantas as que tinhão-metido na propria caixa. Dizião, para justificar esta singular disposição que o ar circulava mais facilmente por entre as taboas delgadas do que por entre as peças de madeira formando a caixa, o que era condicção indispensavel para a boa conservação das laranjas; na verdade, a origem d'este uso provem do desejo de illudir emquanto ao pagamento d'uma parte do imposto de sahida. Os antigos regulamentos administrativos marcavão as dimensões que devião ter as caixas para as laranjas; e então julgava-se que se cumpria fielmente a disposição da lei, senão literalmente, ao menos conforme ao seu espirito, dando-se ás caixas a maxima dimensão fixada, e sobremontando-as d'uma enorme tampa convexa. As caixas assim construidas não podião collocar-se convenientemente em juxta posição; occupavão pois em um navio um espaço superior á sua arqueação real. Alem d'isso erão muito volumosas, muito frageis; quando estavão emedadas, as laranjas esnigalhavão-se muitas vezes. Uma applicação mais intelligente dos direitos aduaneiros fez pôr de parte as grandes caixas e as tampas convexas. A caixa empregada actualmente é, sem excepção, rectangular em todas as faces: tem 1 metro de cumprido, 50 centimetros de largo e 20 centimetros d'altura; a sua capacidade é proximamente metade da da antiga caixa. E' devidida em tres compartimentos por duas fortes separações, e rodeada por tres arcos de castanho. As despezas de colheita, de transporte para a cidade, d'armazenamento, o custo da folha de milho, o encaixotar a caixa, as despezas d'embarque, os direitos de exportação, tudo isto somado attinge a cifra de cerca de 700 rs. por cada caixa. O direito de ancoragem no porto, para os navios que recebem carga de laranja, anda proximamente por 1 fr. por caixa. O preço da caixa de laranja varia consideravelmente no decurso da estação; geralmente sobe muito nos mezes de abril e de maio; então duplica, e algumas vezes triplica. De um anno para outro o preço medio varia tambem extraordinariamente. A concurrencia ao mercado de Londres de laranjas estrangeiras, o estado da estação. a especulação e um sem numero d'outras causas influem no mercado.

# TRILHOS d'ILHA

#### "LIBERTAÇÃO"

Aqui se deixa um retrato do que foi o primeiro dos passeios organizados por "OS MONTANHEIROS" para o ano de 1995, e que se destinam a percorrer o sertão terceirense, a pé, embora, por imposição dos serviços de protecção competentes, não sejam contempladas as áreas de reservas integrais, designadamente a Caldeira da Serra de Santa Bárbara e o Biscoito da Ferraria.

Condicionados, assim, no espaço, procuraram-se outros percursos que,embora não possuam a riqueza e beleza daqueles, não deixarão de ser locais aprazíveis, como é o caso da floresta da Terra Brava, com o seu relevo um tanto ou quanto desordenado e, por vezes, confuso.

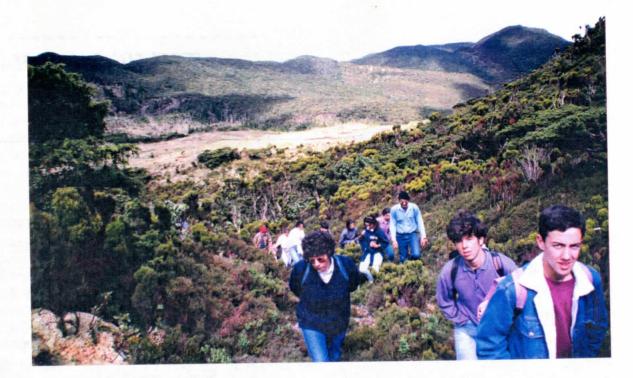
Foi esta a área escolhida para esta primeira caminhada, integrada no programa "TRILHOS d'ILHA-95" e intitulada "LIBERTAÇÃO".

Dia, 23 de Abril. Dia primaveril. A caravana-auto partiu da sede de "Os Montanheiros" pelas 09H40, rumo ao PIco do Mau Olho. Eram 10H15 quando as seis dezenas de participantes, com idades compreendidas entre os 7 e os 65 anos, derama ínicio ao percurso pedestre de cerca de 9 km.

Depois de se subir a Serra da Agualva ( uma das áreas altas da Terra Brava), por um antigo atalho próximo do Pico da Salsa, e d'ali se gozar a bela paisagem circundante, fez-se a descida para a Caldeira da Agualva. Atravessou-se, depois, a Caldeira, em direcção a um atalho entre o "Pico Rachado" e o "Morro do Cão", oferecendo-se, assim, a possibilidade a todos os participantes de se atravessar uma vasta área da Terra Brava devastada (em má hora!) pela força das lagartas das máquinas, a fim de se plantarem as "águasugas" (eucaliptos), o que em nada veio beneficiar aquela vasta clareira que, anteriormente, estava recoberta por densa vegetação endémica. Hoje, faz lembrar um deserto bombardeado!

Depois de atravessada toda esta área, atingiu-se o lado N do Pico do Boi cerca das 12H15, descendo-se por uma grota que faz ligação à ribeira de S.João,a fim de se alcançar uma nascente de água aí existente. A descida fez-se lentamente, e com algumas cenas hilariantes de permeio, devidas à transposição de pequenos obstáculos, o que retardou um pouco o horário da caminhada.

Junto à nascente, fez-se a paragem para o almoço, marcando o relógio as 13H15.Alguns almoçaram junto à nascente, aproveitando a respectiva água para acompahamento da comida, enquanto outros preferiram descer um pouco mais, a fim de poderem comer contemplando a paisagem.









ADAM CASINHA - ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - ANA VERA CRUZ - ANA ROCHA - ANA VIERA - ANNEKE KRANENBURG - ARJAN STEFFELAAR - ARLETE - ARMINDO DOMINGOS - BRUNO MACHADO - BRUNO PEREIRA - CARLA FAGUNDES - CARLA RODRIGUES - CRISTINA ARADJO- DU-ARTE RODRIGUES - ELIZABETE OLIVEIRA - FABIO CARDOSO - FERNANDO PEREIRA - FILIPA AVELAR - FILIPE SILVEIRA - FRANCISCO INACIO - GRACINDA VASCONCELOS - HELENA MOU-RA HELIO LEMOS - HUGO PEREIRA - ILDEBERTO ROCHA - ISABEL BARRETO - JOÃO VASCONCELOS - JOÃO RODRIGUES - JOSÉ MARIA - LEONARDO JUNIOR - LIGIA PAIM - LILIA MARQUES - LINA OLIVEIRA - LISA VASCONCELOS - LUIS(CHINES) - LUIS VASCONCELOS - MARI-NA FABRICIO - MARIA MENDES - NELIA FAGUNDES - ORLANDO AGUIAR - PATRICIA ROCHA - PAULO BARCELOS - PAULO CRIJZ - PAULO SOARES - RICARDO PACHECO - RODRIGO VALADÃO-RUI MARTINS - RUBEN RODRIGUES - SANCHO CRUZ - SANDRA VIEIRA - SUZANA SIMÕES- TIA-GO PEREIRA - TIM SEYNAEVE - ZILDA PAIVA.

Pelas 14H00, retomou-se a caminhada por um atalho que nos levou até ao Pico do Boi, seguindo-se depois para as Lagoinhas, onde se fez pequena paragem para a foto de conjunto, junto à Lagoa Pequena. Continuou-se a progressão pela margem esquerda da Lagoa Grande, rumo à "Vereda do Avião" (antigo atalho que rasga parte da Terra Brava, e que assim ficou conhecido por lá ter caído, nos anos 40,um avião da Colômbia).

Trinta minutos depois, chegou-se às "Bagacinas", já no lado S da Terra Brava, caminhando-se pela cumeada desta, com o Pico do Talhão ao nosso lado, também todo recoberto pelo infelizmente célebre eucalipto. Lá do alto, o nosso olhar regalava-se sobre a maior caldeira dos Açores (Caldeira do Guilherme Moniz, com toda a sua espectacular beleza, vista do lado N).

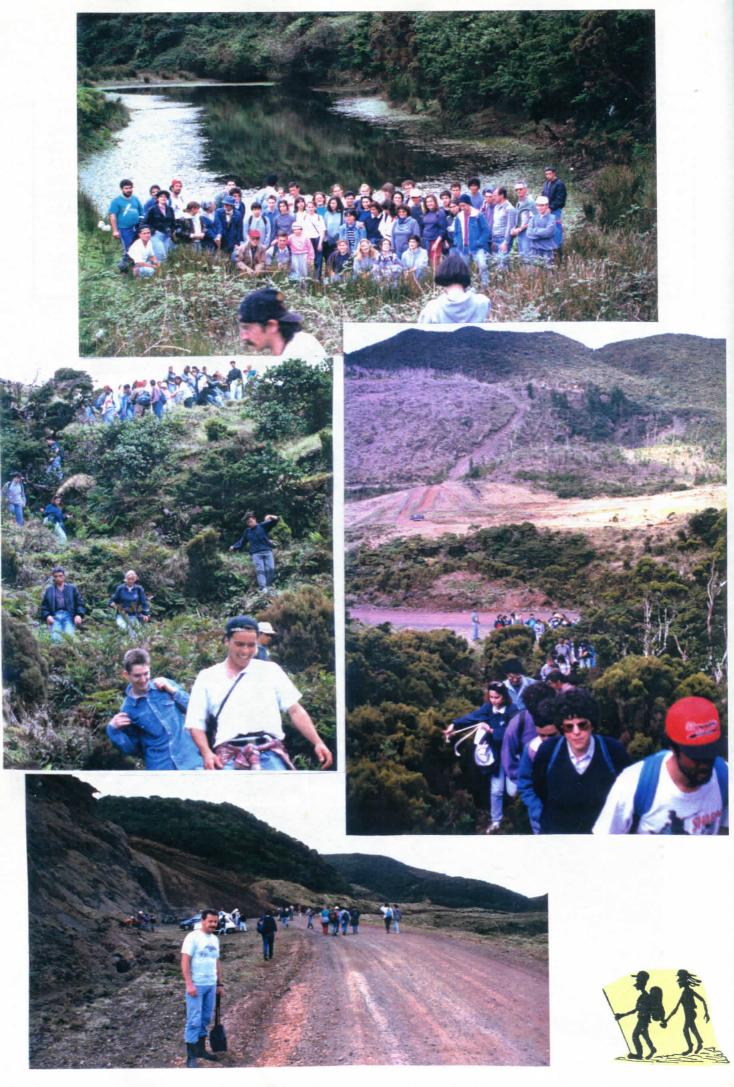
Prosseguiu-se em direcção ao PIco dos Cedros, onde alguns caminhantes se ressentiram do esforço, talvez devido ao facto de este pico se encontrar coberto co conhecido "mofedo" (turfeira), o que dificulta o andamento.

Já na parte final do percurso, fez-se pequena descida até se atingir a grota do Pico da Castanha e, através desta, se alcançarem as viaturas, estacionadas junto ao Pico do Mau Olho.

Todos terminaram o percurso em boas condições físicas e com apenas quinze minutos de atraso em relação à hora programada.

Regressou-se a Angra pelas 17H15.

JOSE MARIA



## TRILHOS d'ILHA

95







O Dia do Trabalhador foi assinalado por "OS MONTANHEIROS" com um passeio a pé ao interior da ilha Terceira, precisamente a segunda das caminhadas integradas no programa "TRILHOS d'ILHA-95", e denominada "COMUNHÃO".

E tratou-se, efectivamente, de uma comunhão de ideias que levou a tão grande a-fluência de pessoas para esta caminhada a um dos lugares mais aprazíveis da ilha.

Essa grande afluência de participantes, e o facto de, este ano, não ter sido viável o apoio habitualmente fornecido pelo Regimento de Infantaria de Angra, ao nível do transporte, levou a que a partida da Sede fosse retardada, tendo inclusivé que se recorrer a táxis, obviamente a expensas de "Os Montanheiros".

Assim, já se aproximavam as 10H00 quando a caravana-auto rumou para o maciço da Serra de Santa Bárbara, com boas condições climatéricas, a fim de se visitar a sempre linda Lagoinha, na Serreta.

A grande maioria dos caminhantes eram jovens, principalmente estudantes e alguns professores que, como tradicionalmente, compõem o maior contingente destes passeios.

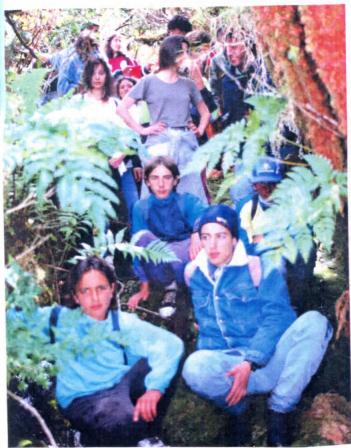
Com trinta minutos de atraso sobre a hora programada, os 73 participantes iniciaram o passeio cerca das 11H00, rumo ao primeiro objectivo, a Lagoa do Pinheiro( também conhecida por Lagoa Alta), a qual foi alcançada uma hora depois, já que se tratava da parte mais cansativa do percurso, sempre a subir a encosta da Serra.De qualquer forma, foi bom o ritmo, atendendo a que era grande o número de pessoas, com idades compreendidas entre os 10 e os 65 anos de idade.

Depois de curta paragem para as habituais fotos, seguiu-se para o "Buraco"(966m, zona alta,a N na Serra), de onde todos puderam observar a Caldeira da Serra com toda a sua incomparável beleza, onde sobressaía a Lagoa Negra. Apenas nos foi possível contemplá-la do alto, já que não nos foi concedida autorização para penetrar em zonas de reserva integral, como é o caso. Ficou, assim, vedado aos professores e alunos tomarem directo contacto com a riqueza da nossa flora, variada em espécies endémicas, existente no interior da Caldeira.

Eram 12H30 quando se fez a paragem para almoço, junto à berma da alta rocha do "Vale dos Leões". Durante algum tempo (pouco...) ainda foi possível divisar, como se disse, a Lagoa Negra, mas, rapidamente, o nevoeiro apareceu, acompanhado de um vento forte, e frio que se entranhava na pele. Por estas razões, o almoço foi rápido, retomando-se a caminhada em direcção ao Pico da Lagoinha, primeiramente na zona planáltica, depois descendo a encosta da Serra. Enquanto se efectuava a descida, o nevoeiro desapareceu, melhorando o tempo, com o retorno do Sol.

Para se atingir a bela Lagoinha, nesta altura totalmente repleta de água, tomou-se uma grota, por onde se fez uma descida lenta, devido a alguns obstáculos naturais que todas as grotas situadas em pontos elevados têm, e também pelo pequeno
caudal de água que por ela corria, o que até originou alguma galhofa,com "molha-pés" e algumas escorregadelas.









ADAM CASINHA - ADELINA OLIVEIRA - ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - AMELIA GOMES -ANA VERA CRUZ - ANNEKE KRANENBURG - ARJAN STEFFELAAR - BECU BRIGITTE - BETA OLIVEIRA - BOOJIE COWELL - BRUNO CARDOSO - BRUNO MACHADO - BRUNO MACIDE - CARLOS MOREIRA - CATIA LOBÃO - CRISTINA ARAŬJO - DARIO FURTADO - DIOGO VELLOSO - DUARTE SILAS - DU-ARTE SILVEIRA - ELISEU REIS - ELIZABETE BRUM - ELIZABETE SOUSA - FERNANDO PEREIRA - FILIPA MOREIRA - FILIPA SILVEIRA - FILIPE REIS - FRANCISCO CESAR - HELENA MOURA - HUGO PEREIRA - ILDEBERTO ROCHA - ISABEL PEREIRA - JOÃO MARTINS - JOÃO ROCHA- JO-AO RODRIGUES - JOSE DIAS - JOSE MARIA - JOSE SILVA - LEONARDO JÜNIOR -LIDIA DINIS - LILIA PEREIRA - LINA OLIVEIRA - LINO SOUSA - LÍVIO BORGES - LURDES RIBEIRO LUIS FARIA - LUIS VASCONCELOS - LUIS VIEIRA - MANUELA QUADROS - MARIA CORREIA - MARIA CRISTÃO - MARIA MENDES - MELANIA PEREIRA - NUNO ALEXANDRE - NUNO FIGUEIREDO - ORLANDO LAPINHA - PATRÍCIA ROCHA - PAULINA VERA CRUZ - PAULO BARCELOS - PAULO CRUZ-PAULO DINIS - PAULO SOARES - PEDRO MORAIS - RICARDO PACHECO - RUI MARTINS - SANDRO ROCHA - SILVIA PEREIRA - TERESA NORONHA - TIAGO AVELAR - TIM SEYNAEVE -TOMÁS PEDRO- XENIA VIEIRA

A chegada à Lagoinha deu-se por volta das 14H3O. Os mais afoitos, arrastados pelo Adam Casinha, aproveitaram para uma banhoca, 770 metros acima do nível do mar.

Pelas 15H00, desceu-se o Pico da Lagoinha a caminho da profunda e impressionante "Ribeira do Além", a qual foi torneada pela berma até se atingir o Pico do Negrão, onde se fez uma curta paragem para admirar a paisagem e tirar a foto de grupo.

Eram 15H3O quando se reiniciou a caminhada pela parte final do percurso, o "Trilho dos Funis", uma subida com inclinação suave e de fácil progressão, até se atingirem as viaturas, estacionadas junto à base dos Picos Queimados, onde tivera início a caminhada.

Resta-nos acrescentar que os 8,5 km (4 dos quais sempre a subir) que compunham o itinerário, foram percorridos com alegria e determinação por todos os participantes e, apesar do atraso com que foi iniciado, até acabou antes da hora prevista, ficando mais uma vez provado que "andar a pé faz bem ao corpo e ao espírito". E nem sequer a idade conta: que o diga o sexagenário Alfredo Corte-Real (o homem do apito) que, com as suas lindas 65 primaveras, estava pronto para mais quando terminou o passeio.

Finalmente, diga-se que houve sempre um grande espírito de entreajuda por parte dos caminhantes e, com o contagiante entusiasmo da juventude que acorre a estas caminhadas, continuar-se-à a mostrar a todos os interessados algumas das belezas do sertão terceirense. Embora condicionados nos espaços, não deixaremos de traçar percursos de modo a que, mesmo à distância, se possa ter uma ideia da beleza das reservas naturais da ilha Terceira. Do mal...o menos!

## AMBIENTE - PATRIMÓNIO NATURAL

# ANOVII CIRCULO DE ANIGOS DA ILHA DO PICO ANTE DAJANEIRO 1995

## As pedras também falam

Dir. Adj. Cristina Marcos Teixeira

Na sequência do que, à maneira de intróito, anteriormente se disse sobre o tema ambiente, propomonos tratar, hoje, da própria terra que pisamos.

Não do mítico continente afundado, citado por Platão, e, por muitos persistentemente atribuído aos Açores, mas destas ilhas que, mercê da acumulação de produtos vulcânicos, brotaram do fundo do mar. O objectivo continua a ser o de chamar a atenção das pessoas, diria da nossa comunidade, para a necessidade de se preservarem os valores naturais que nestas ilhas ainda possuímos e, mesmo, de procurar recuperar onde a degradação já chegou. Porém, de índole científica, apenas se esboçarão

algumas noções elementares que, de alguma forma, possam contribuir para melhor se entenderem fenómenos e processos naturais que irão sendo referidos. Isto, tendo em conta as carências de informação na área das Ciências da Terra, praticamente banida dos programas escolares.

E só se aprecia aquilo que se conhece.

O facto obrigará, no entanto, a ocupação de jornal que ultrapassa o espaço habitualmente reservado a artigos desta natureza, pelo que a 2º. parte, no seguimento desta, só será publicada no próximo número de Ilha Maior.

Embora tendo a Ilha do Pico como pano de fundo, não se deve perder de vista o facto de que o enquadramento geológico em que esta se situa é comum às restantes ilhas do Arquipélago e, de igual modo. a outras de idêntica origem.

Para melhor compreensão dos parametros e mecanismos que regem o nosso vulcanismo e a natureza dos produtos que dele resultam, convém estabelecer comparação com o comportamento de vulcões situados em regiões de contexto diferente do nosso.

Tenha-se presente que o vulcão é a única janela de comunicação com o interior da Terra e que os produtos vulcânicos estão na origem de todas as rochas que conhecemos. Só através da análise dos produtos expelidos pelos vulcões nos é possível conhecer directamente a natureza dos materiais que se escondem sob o chão que trilhamos. Quando se fala de vulcanismo, a primeira questão que se põe é a de conhecer o que se passa acerca da distribuição dos vulcões à superfície da Terra. Como se sabe, elas não se dispõem ao acaso. obedecendo, antes, a condições geológico-estruturais favoráveis à sua formação. Aqui, convém abrir um parêntises para referir (ou, para alguns, apenas recordar) que quase todos os processos geológicos e tectónicos, nomeadamente

a deriva dos continentes, que ocorrem à superfície da Terra, se enquadram no âmbito das placas tectónicas, em que a litosfera, por meio de uma rede global de falhas, se encontra retalhada. Nas placas, são de salientar as margens de criação e expansão da crosta terrestre e margens de compressão onde a mesma crosta é destruída (zonas de subdução). Ora, a maioria dos vulcões conhecidos distribui-se precisamente por estas duas áreas que, naturalmente, possuem características inteiramente distintas: (1) áreas de criação e expansão da crosta, que correspondem às cristas (ou dorsais) oceânicas, onde os Açores se enquadram, e (2) áreas de sinal contrário, onde se produz a sua destruição, de que o chamado " Anel de fogo do Pacífico" é, de longe, a mais conhecida. Nas primeiras, os edifícios vulcânicos não são mais do que relevos do próprio fundo basáltico do mar. Nas segundas, a actividade vulcânica concentrase essencialmente em torno dos oceanos, numa faixa continental, cuja largura, em regra, não ultrapassa os 200 Km. Aqui, os vulcões são caracterizados por lavas mais siliciosas do que as lavas basálticas e, por conseguinte, mais viscosas, o que implica, também, regime de maior explosividade. Não é por acaso que as majores catástrofes vulcânicas ocorreram nos vulcões do Anel ou noutros inseridos em contexto geológico semelhante. Também

neste caso, se pode aplicar com propriedade o velho ditado: "diz-me com quem andas e eu te direi quem és". De recordar, a explosão histórica do Krakatoa (1883) nas proximidades da ilha de Java e, mais recentemente, no final da década de 70, o espectáculo dantesco oferecido pelo vulção de St. Helen's, no Estado de Washington dos E.U. Neste perdeu a vida um jovem geólogo americano que, duas semanas antes, estivera connosco.

Dos diversos factores que condicionam o regime de actividade de um vulção. são de salientar a viscosidade do magna e a proporção de gases nele dissolvidos sob pressão. Quanto mais elevada a viscosidade e maior a proporção dos gases, mais intensa será a explosividade. Compare-se com a abertura da garrafa de champanhe. Se não se procede a uma desgasificação lenta, de líquido pouco ficará no fundo da garrafa, tal como acontece no habitual banho de champanhe com que terminam as corridas de "Fórmula 1". De forma idêntica, actua o acesso de água à câmara magmática, onde a vaporização instantânea provoca forte actividade explosiva. Nos Capelinhos, por exemplo, prevaleceu o regime explosivo enquanto se manteve a abertura da cratera para o mar. Só após esta se ter fechado, aumentou a emissão de lavas, que, hoje, ainda se encomtram patentes no cone central (já parcialmente desmante-



lado), formado na última fase da respectiva actividade vulcânica. O comportamento dos vulcões pode ser muito variável, de uma região para outra, de vulcão para vulcão e, mesmo, ao longo da vida do mesmo vulcão. Como exemplo mais acessível e, bem pode dizer-se, mais palpável, se pode invocar de novo o vulcão dos Capelinhos, cujas erupções passaram por diferentes fases de actividade vulcânica, desde a fase efusiva, com simples escoadas de lavas, até à forte explosividade, responsável pela formação das cinzas que, de longe, constituem o material mais abundante do edifício vulcânico. Das armas do poderoso arsenal dos vulcões, as lavas são menos perigosas, já que, na maior parte dos casos, é possível delas fugir a tempo. O regime explosivo torna-se bastante mais traiçoeiro, surgindo, por vezes sem aviso, e com imprevisível intensidade. A lava, com elevada concentração de gases, é projectada em fragmentos que, arrefecendo durante o seu percurso aéreo, caem no terreno, já solidificados, conservando estrutura vacuolar, resultante da retenção, em bolhas, dos gases que se separaram. Estes piroclastos podem assumir aspectos e características muito diferentes, consoante a composição da rocha e as condições de formação. Nos basaltos predomina o lapilli, conhecido nos Açores por "bagacina". As bombas, constituídas por maiores fragmentos de lava que, não se consolidando inteiramente durante o trajecto, ao atingirem o solo, ainda se encontram em estado pastoso. Nos vulcões de fraca explosividade, são arremessadas, a pequena distância, pastas de lava que se acumulam em torno da chaminé, formando cones de forte pendor. Das erupções submarinas resultam piroclastos hidratados que, por litificação, dão tufos palagoníticos, como os

do Monte da Guia, dos Ilhéus da Madalena, do Cabeço de Baixo (nos Toledos) e outros.

A pedra pomes é o piroclasto dominante das rochas traquiticas (mais siliciosas do que o basalto). Nesta, a vesiçulação é extremamente elevada e as vesículas de tal modo estanques, que a rocha pode flutuar na água por largo período de tempo. Grande parte da ilha do Faial, a leste da Caldeira, e na ilha de São Miguel, a pedra pomes é particularmente abundante. Quando os piroclastos caem ainda no estado pastoso, ao tocaram no solo, podem soldar-se entre si, formando aglomerados de escórias.

Os nossos cabeços são, em grande parte, constituídos por bagacina. Nalguns, porém, ocorrem leitos de lava, quer intercalados nos piroclastos quer a recobrilos, como se tratasse de manto protector. A alternância de regimes explosivo e efusivo está quase sempre presente nos diferentes edifícios vulcânicos dos Açores. Aspectos destes podem ser observados, por exemplo, em explorações de bagacina, ao longo da estrada transversal, na descida para São Roque. Também em cortes de estrada, nas escarpas costeiras e noutros afloramentos, se pode observar idêntica alternância de leitos de lava e piroclastos. É nos vulcões periféricos (vulcões adventícios), situados em torno da base do vulção central, que as lavas são mais abundantes. A essa mesma alternância de fases eruptivas se deve a estranha configuração da montanha do Pico, com encostas de elevado pendor, em comparação com o perfil esbatido de outros vulcões basálticos conhecidos. Isso deve-se ao facto de o acentuado pendor de equilíbrio dos piroclastos acabar por ser consolidado pelas escoadas de lava que, sucessivamente, os recobrem e com eles alternam. Nos Açores, além do basalto, ocorrem, na maior parte das ilhas, rochas traquíticas, de cor mais clara, que resultam de um magma mais silicioso e, naturalmente, mais viscoso, o que, conforme se disse, implica actividade vulcânica de maior explosividade. No Pico, em São Jorge e Graciosa o basalto é rocha única, embora assumindo aspectos muito variados.

É à actividade explosiva que se deve a formação da cratera, em funil, característica dos cones de escórias que constituem os nossos cabeços.

As caldeiras não são mais do que crateras de grandes dimensões (com diâmetro, convencionalmente, não inferior a 1000 m). O seu modo de formação, em regra, é também diferente. Após a projecção de grandes volumes de materiais piroclásticos, produz-se o afundimento de uma zona, por vezes bastante ampla, em torno da chaminé vulcânica. As paredes internas são, quase sempre, fortemente inclinadas ou, mesmo, verticais. Em São Miguel, há quatro caldeiras. A caldeira do Faial constitui ornamento emblemático da ilha. Quanto ao Pico, se bem que poucos dêem por ela, a caldeira lá está no topo da montanha, embora com os bordos largamente desmantelados pela erosão, grandes fatias têm caído durante alguns abalos de terra.

A morfologia dos terrenos vulcânicos, com a maior variedade dos relevos que a caracterizam, distribuídos quer em alinhamento ao longo de fracturas quer disseminados, aparen-

temente ao acaso, oferece, no seu conjunto, algumas das mais belas paisagens naturais. Pela sua origem e modo de formação, pela sua evolução e, até, pelos processos de degradação, existe flagrante contraste entre os terrenos vulcânicos do domínio oceânico e os terrenos continentais. Enquanto a morfologia continental resulta de um processo extremamente lento. ao longo de milhões, mesmo de centenas de milhões de anos, os relevos vulcânicos, resultando da acumulação rápida de materiais eruptivos, podem adquirir corpo ao fim de semanas, ou apenas de dias de actividade, explosiva, efusiva ou mista. O vulcão dos Capelinhos, por exemplo, ao cabo de duas semanas, do seu início, acumulava já materiais que constituiam uma ilha com 1000 metros de diâmetro e 100 metros de altura. Alguns vulcões conhecidos expulsaram muito maiores quantidades de material em muito menos tempo. A degradação, por sua vez, começa a actuar em simultâneo, causada pela própria actividade explosiva, pela abrasão marinha ou pelas chuvas que, rapidamente, actuam nos materiais incoerentes, acabados de se depositar. São processos muito rápidos que, só mais tarde, e com o tempo, se estabilizam, uma vez terminada a actividade vulcânica.

Quanto ao seu comportamento, os vulcões constituem verdadeiras caixinhas de surpresas, surgindo, por vezes, onde e quando menos se espera. Além disso, um vulcão, após uma fase eruptiva, pode adormecer, sem dar sinal de vida durante séculos, para, em dada altura, entrar de novo em actividade. E, em muitos casos, de que maneira!

TIG: ANO VII CIRCULO DE AMIGOS DA ILHA DO PICO
SOR A Astrono Santo C. Dar All, Cristota Marcos Teixeira Quinzenat 100800 (IVA metuido

A intenção, relativamente ao que anteriormente foi dito, é a de situar no respectivo contexto geológico, aspectos de produtos vulcánicos de particular interesse que, pela simples observação, nos podem contar a sua história e a história dos próprios vulcões

美泽

Porte Pago

Madalena do Pice - Acere

donde provêm. Alguns dos aspectos que a seguir se referem, constituem peças valiosas do nosso património natural, que merecem, por isso mesmo, ser acautelados e devidamente protegidos. É este, afinal, o principal objectivo da matéria que, nesta espécie de notas, me propus abordar em Ilha Maior. Embora tendo como destino imediato a ilha do Pico, porventura ainda a menos degradada, naturalmente se aplica, de igual modo, às restantes ilhas do Arquipélago.

A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência devesículas disseminadas na rocha. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar a tempo para a atmosfera, ficaram assim aprisionados na rocha sob a forma de bolhas. A proporção, a dimensão e a forma das vesículas são particularmente variáveis. Quando alongadas, a sua orientação denuncia a direcção de escoamento da lava. Os gases, na "ânsia" de escaparem para a atmosfera, sem o conseguirem, dão lugar a uma grande concentração de vesículas na parte superior darocha que, por vezes, mais se parece com um favo de mel.

No basalto aparecem, quase sempre, fenocristais disseminados na rocha. São cristais de côr branca, esverdeada ou negra, que se formaram, por arrefecimento lento, ainda no âmbito da câmara magmática. Na pedreira de empréstimo do porto de São Roque, por exemplo, aflora um leito de basalto, constituído, na sua maior parte, por cristais relativamente desenvolvidos, quase como se de rocha holocristalina se tratasse. Um caso especial que bem merece uma visita de estudantes ou de simples curiosos. Quando emerge à superfície, o magma, em vez de homogéneo, é, afinal, constituído pelas três fases: líquida, sólida e gasosa. Só raramente o basalto é inteiramente desprovido de vesículas e de fenocristais. Neste caso, a rocha mais se parece com um vidro negro e compacto.

Nas erupções efusivas, a lava escoa-se ao longo de terreno inclinado, dependendo a velocidade de escoamento do pendor do terreno e da viscosidade do magma que, por sua vez, vai aumentando com o progressivo arrefecimento, à medida que se afasta do local de origem.

A solidificação inicia-se à superfície, com a formação de uma película (comparável à que se forma à superfície do leite fervido), que, por arrastamento da lava subjacente, se vai dobrando e empilhando, e acaba por formar um amontoado, enrolado à laia de cordas, ou assumindo outros aspectos não menos singulares e extremamente variados. Assim se forma a lava encordoada, um dos ornamentos mais apreciados das nossas lavas basálticas. É uma lava lisa, tipo pahoe hoe, na nomenclatura, do Hawai. Quando arqueada, a convexidade da "corda" indica o sentido do escoamento. Isto sucede especialmente em escoadas de lava pouco espessas.

Diferente comportamento se verifica em escoadas mais volumosas e, porventura, menos fluídas. O progressivo arrefecimento conduz à formação de uma crosta espessa e quebradiça, que se vai partindo em fragmentos irregulares e pontiagudos que, arrastados pela corrente de lava subjacente, se amontoam de modo caótico, dando, finalmente, lugar a uma rocha com superfície grosseira, afiada como lâminas. É a lava "escoriácea" ou lava aa, na terminologia do Hawai. Uma corrente de lava inicialmente lisa, pode passar, a juzante, a lava do tipo escoriáceo.

Nestas correntes espessas de lava, pode formar-se, por arrefecimento, crosta sólida, suficientemente espessa e resistente ao atrito da

lava que, no estado líquido, continua a escoar-se no seu interior. Cessando a alimentação na origem, o magma continua a correr, até esvaziar o espaço que ocupava. Assim se formam estruturas tubulares, por vezes, de grandes dimensões que, nalguns casos, se prolongam por centenas ou milhares de metros. São as estruturas naturais, conhecidos entre nós como furnas ou grutas. Do tecto pendem abundantes estalactites, (que correspondem a pingos de lava) de aspecto semelhante às que, embora por processo inteiramente diferente, se formam nas grutas calcárias. Assumindo, por vezes, formas de grande beleza, são, por isso mesmo, altamente cobiçadas, e, daí, a delapidação de que têm sido vítimas algumas das nossas grutas de mais fácil acesso, como é o caso da Furna de Frei Matias.

São estes e outros aspectos da nossa paisagem que, como parte valiosa do nosso património natural, importa preservar e proteger. Para além do interesse científico que possuem, constituem, ao mesmo tempo, factor importante da tão desejada atracção turística. As pessoas, hoje, fartas de passarem o tempo intramuros, na sua actividade profissional, querem gozar ar fresco e admirar ambiente natural que não conhecem. Por outro lado, não se podem descurar os factores cultural e educacional, que aqui encontram precioso material de estudo.

Não será demais recordar que a finalidade essencial desta série de considerações é a de chamar a atenção, não só das entidades oficiais mais responsáveis mas, de igual modo e especialmente, das comunidades desta ilha, para que seja preservada a riqueza natural que possuimos. Para nós, para os nossos filhos e para quem queira visitar-nos. Para tal torna-se necessária uma vigilância constante, que a

todos nós incumbe exercer, sem esperar por legislação, que só tardiamente poderá chegar, quando já não haja coisa que valha a pena proteger. A meu ver, a responsabilidade, à semelhança do que acontece noutros países, pertence a todos nós, nomeadamente à Escola, a quem cabe sensibilizar os jovens para a protecção do ambiente que, afinal, a eles igualmente pertence.

Sem minorar a importância dos restantes, queremos chamar a atenção para alguns aspectos que, pela sua vulnerabilidade, correm maior risco de degradação. Entre eles:

a) Os cones de escórias, ou sejam, os tão característicos cabeços do Pico e não só, que estão a ser desalmadamente mutilados, e outros simplesmente arrasados. A cada passo, se depara com verdadeiras chagas abertas, deixadas como resultado da exploração da bagacina, onde é mais fácil retirá-la. Ultimamente, diversos cabeços têm sido inteiramente riscados do mapa, para a conquista de mais alguns palmos de terreno, sobretudo para pastagem e cultura da

b) Lava encordoada e outros aspectos peculiares das lavas basálticas que, como se sabe, continuam a ser exploradas para com elas enfeitar casas, por dentro e por fora. E, até, para exportação. Sem prejuízo de tantas outras, citase, como zona a proteger, toda a planura costeira, situada entre a Madalena e o aeroporto, de muito fácil acesso para os delapidadores, alguns dos quais assim procedem mais por falta de informação do que por maldade. Só um novo vulção poderá repor o que já se tirou. Se legislação existe neste domínio, ela não se cumpre. Nos países desenvolvidos, em nada disto se toca sem parecer prévio dos Serviços competentes. E não é raro mudarse o curso de estradas ou de

outras obras planeadas para evitar a destruição daquilo que é considerado património geológico nacional. Eu repetiria o que, já noutra ocasião, tive a oportunidade de dizer: "Salvem a única riqueza não importada que possuimos ". A testemunhar o seu valor, veja-se, na página 65 do National Geographic Magazine, de Novembro de 1992, a magnífica fotografia do Pico, com um belo afloramento de lava encordoada em primeiro plano e, ao fundo, o perfil da montanha. Um belo reclame, de que bem nos podemos orgulhar, promovido espontaneamente, por uma das mais conceituadas e divulgadas revista, a nível mundial.

c) As Furnas (ou grutas) dos Açores, talvez pela dose de mistério que encerram, são os edifícios vulcânicos mais conhecidos do imaginário popular e, não raramente, ligadas a histórias que vão passando através das gerações. Sabia-se onde começavam mas não se lhes conhecia o fim. Há anos atrás, poucas furnas eram

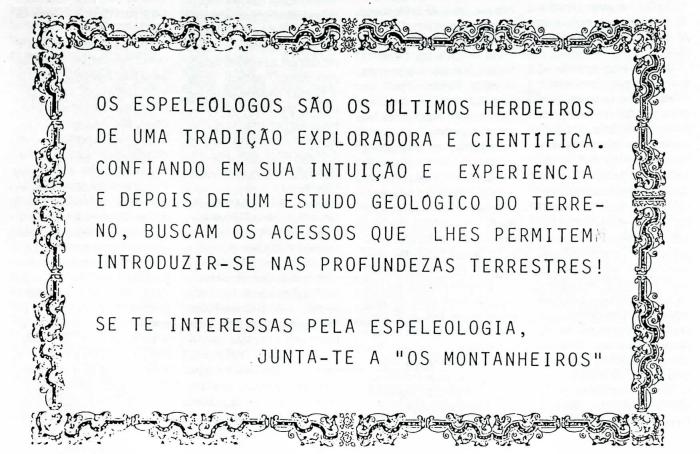
conhecidas nesta ilha. Presentemente, graças ao entusiasmo e trabalho árduo do nosso conterrâneo Albino Terra Garcia, já hoje existe um notável trabalho realizado, com inventário bastante completo das furnas do Pico, algumas delas com levantamento topográfico e reconhecimento de particular interesse científico e turístico. O trabalho, que tem tido a colaboração do grupo dos Montanheiros e de conhecidos especialistas em espeleologia, encontra-se presentemente em fase de preparação para publicar. Ao que parece, tudo feito com "a prata da casa", já que a de fora nunca chegou. O que agora se pretende - e não será pedir demais - é que se crie legislação e regulamentação com vista à protecção deste singular património natural.

Com as suas 102 grutas já conhecidas, 66 das quais já exploradas, bem se pode dizer que o Pico é a ilha das grutas vulcânicas. Uma delas, com mais de 4000 metros de extensão.

Conforme logo de início se disse, achámos conveniente fazer acompanhar as considerações aqui expressas sobre o nosso património geológico, de alguns esclarecimentos elementares para melhor o compreender. Isto, tendo em atenção a carência de informação respeitante às ciências da Terra, sobretudo por se tratar de uma área que — nunca percebi porquê foi praticamente erradicada dos programas escolares de Ciências Naturais. Assim, muitos saem da Escola sem nunca terem ouvido falar das rochas nem dos minerais que as constituem, como se de matéria de somenos importância se tratasse. E isto, sabendo-se que, afinal, é das rochas que saem todos os metais que utilizamos. Saem, igualmente, o petróleo, o gás natural e a própria água que bebemos. Sem rochas, não haveria solo e, sem este, onde se cultivaria tudo quanto comemos? É, ainda, com rochas, em bruto ou trabalhadas, que se constroem as casas onde nos abrigamos. E, a quem tenha gosto pelas joi-

as, é de recordar que os diamantes e o enorme cortejo de pedras semi-preciosas que invadem o nosso mercado, também é das rochas que provêm. Afigura-se realmente estranha a subordinação a que, nos programas de Ciências Naturais, foi votada a geologia, ou seja, o estudo da Terra que pisamos, que, de vez em quando, vemos crescer e, não raramente, sentimos tremer. Não admira, pois, que, na nossa comunidade, para além de alguns curiosos e autodidactas, pouco se saiba do assunto em apreço: o património geológico dos Açores. A ausência de sensibilidade que, a diferentes níveis, se verifica neste domínio, talvez encontre aqui a sua verdadeira explicação. Não são, porém, necessários grandes conhecimentos para, da simples observação, se extrair a história da rocha, como se as próprias pedras falassem, para nos dizerem como e onde se formaram.

J. Ávila Martins



## ALERTA





UM ALERTA OPORTUNO E NECESSARIO

## SALVEM O MILHAFRE

"O Milhafre, a nossa única ave de rapina, está em perigo "e" se nada fizermos em sua defesa estará extinto dentro de alguns anos, o que será uma tragédia, porque tragédia é sempre o desaparecimento definitivo de qualquer espécie do reino animal, que com o homem compartilha a vida à superfície do nosso planeta" - alertou o deputado socialista na Assembleia dos Açores Silva Melo.

"Num passado recente e por razões ainda hoje incompreensíveis foi dada a esta ave uma caça sem quartel, sendo paga pelas autoridades administrativas uma dada quantia em dinheiro por cada cabeça abatida, com o erróneo fundamento de que ela destruia os recursos alimentares do homem" - salientou, para alertar que "nada de mais errado, porque o "milhafre" é uma ave pacífica e que só caça quando necessita de alimento".

Para Silva Melo, o Milhafre só tem um inimigo, "inimigo esse que é o homem".

O alimento preferido do "Milhafre" são coelhos e ratos, sobretudo quando estes animais estão velhos ou doentes. Mesmo quando os ratos estão envenenados, em virtude dos produtos químicos nas campanhas de desratização, o milhafre dá-lhes caça.

Por esta razão, alertou Silva Melo, tem-se verificado uma baixa alarmante das populações de milhafres nos locais aonde elas são levadas a efeito, "o que nos leva a concluir que os serviços governamentais responsáveis pelas desratizações deveriam desde já começar a pensar em técnicas diferentes de combate ao rato".

Contudo, se as campanhas de desratização têm contribuído para a diminuição das populações dos milhafres, outros perigos igualmente graves os espreitam" - salientou, enumerando, em primeiro lugar, os caçadores.

#### VIGANÇA ESTÚPIDA

"É prática corrente em certos locais de Ilha de São Miguel os caçadores do coelho, atirarem indiscriminadamente sobre o milhafre quando este lá nas alturas solta o seu pio prolongado, porque o seu pio faz os coelhos esconderem-se e os caçadores, por vingança selvagem e estúpida, atiram a matar sobre a ave indefesa" - denunciou, acrescentando que os indivíduos que assim procedem "não merecem o nome de caçadores e quem não merece o nome de caçador não merece caçar, pelo que, nestes casos, dever-lhes-iam ser apreendidas as licenças de caça".

Em segundo lugar, falou do outro perigo que o milhafre enfrenta: "um novo negócio que está a começar a florescer e, S. Miguel e que é a venda de milhafres empalhados", uma situação que, apelou, há que por cobro de imediato a esta prática criminosa", tanto mais que há que cortar o mal pela raiz e quanto mais cedo melhor.

"É urgente, é imperioso, a aplicação de medidas que ponham cobro a estas práticas criminosas e estas medidas passam pela criação de legislação específica que proteja o nosso milhafre" - sublinhou Silva Melo, que, no seu entender, disse a Legislação dever estabelecer "pesadas sanções a todos aqueles que procedem ao abate, empalhamento e comercialização destas aves" e, por outro lado, "legislação que defina a criação de reservas naturais aonde seja totalmente interdita a caça" da espécie que está em perigo.

Para Silva Melo, "temos o direito de continuar a ver nos céus dos Açores esta ave majestosa e altaneira e temos o dever de providenciar aa todo o custo pela sua preservação", por isso, apelou "salvemos o milhafre. Salvemos o símbolo das nossas origens".

Silva Melo salientou, na sua intervenção no Parlamento dos Açores, que "os símbolos não morrem, porque nunca morrem os ideais que eies representam" e, nesse sentido, "seria uma tragédia ver desaparecer o milhafre, símbolo do trabalho e das lutas de muitas gerações de açorianos por uma vida melhor e por uns Açores melhores".

Anunciou que o PS-Açores está já a recolher os elementos necessários à elaboração de um diploma legal que regulamente a protecção ao "Milhafre".

### UMA AVE DE CONOTAÇÃO POLÍTICA

Silva Melo recordou que o "Milhafre" é um "animal majestoso que de tal modo impressionou os nossos primeiro descobridores, que eles tudo fizeram para que estas nove ilhas se chamassem Açores, muito embora outros nomes tivessem sido sugeridos e propostos naquela altura para o recém-descoberto Arquipélago".

Recordou, ainda, que o jornal "Açoriano Oriental", fundado há 160 anos, possui um cabeçalho ilustrado com o desenho desta ave; que os autonomistas do século XIX não o esqueceram e passaram a dar ao milhafre uma conotação política, a mesma que foi dada pelos independentistas de 75 e, por último, que o milhafre é hoje um dos símbolos heráldicos da Região Autónoma dos Açores.

Salientou, por outro lado, que esta ave não existe apenas nestas ilhas, porquanto ela está espalhada pela Europa, Euroásia, Norte de África e ilhas Mediterrânicas, mas "o seu desaparecimento dos céus dos Açores seria sem qualquer dúvida uma perda irreparável para todos nós".

"Apesar de existir noutros países e noutros continentes, podemos com propriedade chamar-lhe uma ave tipicamente açoriana, porque, enquanto nas outras regiões aonde existe descreve sempre rotas migratórias, nos Acores pelo contrário, ela fez das ilhas a sua morada, a sua terra mãe aqui residindo permanentemente todo o ano" - esclareceu, sublinhando também que o "Milhafre" foi "sempre companheiro constante e presença omnipresente junto dos nossos antepassados, que ao longo dos séculos foram desbravando estas ilhas" e que "a beleza da sua silhueta em voo transformou-o ainda num símbolo", não esquecendo que, quando da visita régia do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia aos Açores em 1891, foi o Milhafre o símbolo escolhido.

## ESPELEULUGIA

Reportagem





#### Aventura nas grutas da ilha Terceira

ilha da Terceira, como todas as ilhas de formação vulcânica, é local por excelência para a prática da espeleologia. Em Agosto, um grupo do Inatel liderado pelo técnico Luís Serafim e por Fernando Pereira, membro do clube de espeleologia local "Os Montanheiros", aventurou—se nas profundezas da terra para melhor conhecer os fenómenos vulcânicos e as suas formações mais características.

A aventura começou com um passeio pedestre de cerca de 15 quilómetros, desde a Chã do Cabrito até ao Algar do Carvão, passando por Agualva, Palheiro da Salsa, Nascente do Pico Alto e Lagoínhas. A flora típica da região compõese de vegetação rasteira, com variedades imensas de musgos ou musgão, criptomérias e silvas, ou erva do cego, como os locais lhe chamam — "até os cegos as vêem" —, percorrendo o olhar até ao mar imenso de hortênsias espalhadas por toda a ilha, cujas cores variam entre o lilás, rosa, branco e o azul, sempre predominante.

De visita ao Algar do Carvão, gruta aberta ao público desde 1986, nota-se logo à entrada que não existem muitas semelhanças com as grutas de formação calcária existentes no Continente. Com 90 metros de profundidade, esta gruta vertical (algar) com cerca de dois mil anos de existência possui dois cones por onde em tempos jorrou a lava. O que se pensa ser o principal está neste momento fechado, e o secundário serve de entrada para a gruta.

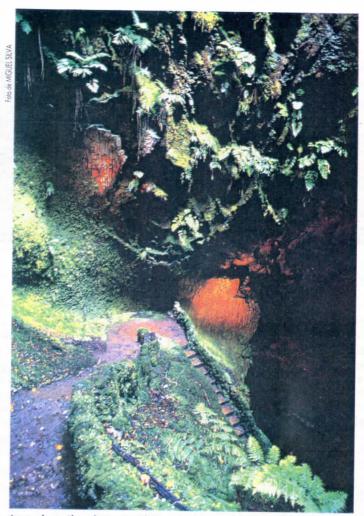
A penetração no algar é feita por uma longa escadaria construída junto à rocha, procurando desta forma preservar o espaço original. À medida que se vai descendo, pode-se observar os veios de ferro, silca e basalto cuja mistura confere uma tonalidade castanho-avermelhada às paredes e ao lecto.

Um pouco mais abaixo, vêem—se bandeiras de obsidiano (vidro vulcânico) tão finas que se diriam transparentes. É—nos explicado que durante o Inverno existe um lago no fundo da gruta. Se se subir até quase ao topo do cone principal, vislumbra—se uma plataforma ocasionalmente utilizada para concertos de música clássica. Original.

A seguir procuram—se grutas horizontais ou, no caso de ilhas ou zonas vulcânicas, tubos lávicos (corredores formados pela lava, às vezes com quilómetros de extensão) que

ainda estejam no seu estado primitivo, selvagem. Preparam—se as lanternas e os capacetes normais ou com gasómetro — capacetes com isqueiro na zona da testa que é ligado a uma pequena garrafa por um tubo; dentro desta garrafa coloca—se carboreto em pedaços muito pequenos que em contacto com a água provocam uma reacção química que depois permite acender a luz do isqueiro.

As grutas a seguir descritas foram em tempos uma só. Criadas pela lava que foi expulsa em 1761 do Pico do Fogo e que chegou até 500 metros da orla marítima, foram separadas por arroteamentos ou obstruções naturais. À superfície formaram—se longas linhas de lava e pedras de



A entrada no Algar do Carvão é feita por uma longa escadaria

basalto soltas que são denominadas de "mistérios".

À entrada da gruta da Malha, uma planta denominada sanguinho (originária da Índia) quase cobre toda a passagem. A cada passo notam—se desabamentos. As paredes estão cobertas por pintas brancas de bolor, que se "transformam" em veios de prata à medida que a luz lhes incide. Quase não existem estalactites e estalagmites, e quando existem são de lama e água ou simplesmente de lava.

De quando em quando, vêem-se balcões de lava ao longo da rocha. O piso é nalguns sítios escorregadio devido à lama e noutros dificulta a progressão, já que todos os calhaus, onde o apoio com as mãos se torna muitas vezes necessário, têm pequenas falhas que cortam à mais leve pressão. É o que os espeleólogos denominam de lava "aa". O vermelho, o castanho, o preto e o cinzento são as cores predominantes.

#### **ESCALADA AO PICO**

Sai-se da gruta da Malha, anda-se algumas centenas de metros e eis que nos encontramos à entrada da gruta dos Buracos. Aqui, a particularidade são as colunas de limonite (óxido de ferro), de cor vermelha, que se estendem do tecto ao chão, pois são de tal forma frágeis que ao menor toque se podem partir ao meio.

Mais uma dezena de metros à superfície e entra-se na gruta dos Balcões. Ao longo de toda a extensão das paredes esquerda e direita desta lapa (gruta)

estendem—se balcões que lembram enormes bancos de descanso. Também aqui duas particularidades: o bolor forma desenhos abstractos, lindíssimos sobre a lama e a lava, parecendo um tapete gigantesco; e as centenas de estalactites cónicas e irregulares que deram o nome de "sala das mil tetas" a uma zona mais larga do tubo lávico. Noutras grutas existem ainda as estalactites sinuosas e anelares.

Por fim, a gruta dos Principiantes ou gruta do Carvoeiro, que em tempos que já lá vão servia para guardar o carvão vegetal, vendido mais tarde em Angra do Heroísmo. Actualmente, a gruta é utilizada para a iniciação à espeleologia.

Ao chegar à ilha do Pico, os olhos bus-

.....



#### **COZIDO DAS FURNAS**

Furnas, local favorito para um dos petiscos mais apreciados dos acorianos, o cozido à portuguesa. Cozinha-se embrulhado num lençol enfiado num saco de lona para ficar embebido com o sabor do ferro e libertar ao mesmo tempo as gorduras da carne. Se não fuma, leve mesmo assim consigo um maço de

cigarros e um isqueiro, pois poderá assistir a um tenómeno deveras insólito.

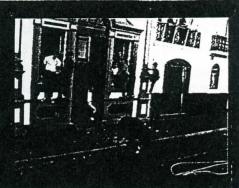
Ao encostar o cigarro aceso a uma das fumarolas e soprar o fumo para dentro, activa a expulsão de enxofre dessa fumarola e de todas as outras na furna. Um espectáculo inesquecível. Caso vá em grupo, pode ter a certeza que não faltarão "cravas".

#### IMPÉRIO DO ESPÍRITO SANTO

Império, local de culto, casa do Espírito Santo, festa religiosa ou profana, ninguém sabe. Este culto, festejado todos os anos com touradas à corda na Guarita, coroações e passagem de testemunho à outra Irmandade que irá gerir o Império, é, segundo os locais, o sentir mais íntimo do povo terceirense e uma proteção contra as forças sísmicas. Pe-

quenas construções de cores garridas, comportam três janelas principais, uma despensa e um altar de devoção.

Todos os anos, depois de festejarem a festa do Espírito Santo com copos e alcatras, os mais jovens e atrevidos entoam velhos cânticos à desgarrada à janela dos Impérios como forma de agradecimento à Irmandade cessante.



cam de imediato com curiosidade a montanha mais alta de Portugal e aquela que deu o nome a esta ilha, de uma beleza estonteantemente selvagem. Pequenas capelas, terra de cultura de vinhas e figueiras, protegidas por lajedos — muros de pedrapomes — em círculo ou semicírculo, revelando desta forma a parte mais inóspita da ilha, a costa norte.

#### TRÊS HORAS E MEIA DE SUBIDA

Meia-noite. Com os nervos à flor da pele, carregados de sacos-cama, comida, água e roupa quanto baste, o grupo de 15 pessoas parte para a subida ao Pico. Em camião de caixa aberta faz-se o percurso, em cerca de uma hora, até ao fim da estrada, a pouco mais de mil metros de altitude. Tempo de descanso dos bravos numa gruta abrigada do frio e do vento.

Três da manhã. Transportando apenas o essencial, o grupo inicia a subida, que duraria cerca de três horas e meia, sobre um solo duro, de pedras soltas que resvalam a cada passo. Nalguns pontos do percurso, a subida transforma—se em escalada, a uma média de 45 graus de inclinação. O esforço começa a notar—se ao fim de algum tempo. Os postes que indicam o caminho a percorrer parecem demasiados e a subida torna—se interminável.

O silêncio é de ouro, há que poupar o fôlego. De quando em quando surge uma piada. As pernas doem e tremem como gelatina, os joelhos ressentem-se. Finalmente, a chegada ao planalto que antecede o último esforco para chegar ao Pico Pequeno ou Piquinho. Oitenta metros de escalada e eis que se chega ao topo do mundo (2351m) - pelo menos, assim parece - mesmo a tempo de assistir a um dos espectáculos mais belos, o nascer do Sol. A temperatura é baixa e nada melhor que as fumarolas para aquecerem o corpo e o espírito enquanto os olhos se regalam com os primeiros raios de luz do dia. Inesquecível.

Sete e meia da manhã. Tempo de descida. Caso a subida tivesse sido feita à luz do dia, alguns teriam desistido por se aperceberem das agruras do percurso. Nada mais natural, já que a descida tem que ser feita com todas as precauções. O solo é escorregadio e a inclinação não é aconselhável aos que sofrem de vertigens. Sensação de vitória e conquista. Nada melhor para o ego.

#### OS VULCÕES DO FAIAL

Véspera de partida para o Continente, mas ainda a tempo de contemplar a beleza da caldeira do Faial. Cone vulcânico, com uma ampla e funda cratera (cerca de 400 metros de profundidade), é revestido por uma vegetação rasteira, onde abundam os fetos e o musgo, dando diferentes tonali-

dades de verde à sua encosta. Para a apreciar melhor, alguns incansáveis conse-

guem ainda descer ao fundo da caldeira. Em trânsito para o vulcão dos Capelinhos, percebe-se o significado da denominação de ilha azul, atribuída ao Faial pelo escritor Raul Brandão. Maciços imensos de hortênsias enchem os campos com a sua graça.

Para melhor compreender o fenómeno do vulcão dos Capelinhos, nada melhor que uma visita a um pequeno museu instalado nas proximidades. A erupção vulcânica ocorreu entre 1957 e 1958, dando origem a uma ilhota que viria a juntar—se à terra firme, criando uma língua de escarpas altíssimas. A terra escura coberta ainda por cinzas vulcânicas serve de contraste ao azul límpido do mar e ao verde das montanhas ao fundo. Local árido mas fascinante, encontram—se aqui e ali "bombas" ou pedras de forma oval e circular, que datam do tempo das últimas erupções.

DESPORTO AVENTURA Nº 0 • DEZ.94/JAN.95

## TRILHOS d'ILHA

95

#### "EXPLOSÃO"

Domingo, 14 de Maio.

Contrariamente ao que tem acontecido em anos anteriores, as condições climatéricas em 1995 têm-se mostrado favoráveis, pelo menos até esta altura.

Após um sábado nublado e com alguns aguaceiros, o domingo amanheceu radiante, e, assim se manteve até ao termo do passeio. Choveria logo após a conclusão do mesmo.

O título atribuido a esta caminhada, "EXPLOSÃO", até parece ter sido encomendado, já que se tratou de uma verdadeira explosão de entusiasmo por estes passeios que "OS MONTANHEIROS" vem realizando, congregando desta feita mais de 7 dezenas de participantes, ávidos de um contacto directo com a Natureza.

Não vamos descrever a caminhada, passo a passo, nem sequer mencionar os nomes dos locais por onde a caravana passeou. Vamos, antes, procurar dar uma ideia geral sobre os objectivos e conteúdo destes passeios.

Andar a pé é um exercício obrigatório para toda a gente, já que proporciona ao organismo a libertação de um sem número de maus hábitos, designadamente, o fumo, os excessos alimentares, e uma rotina desmotivadora.

"MENS SANA IN CORPORE SANO"...

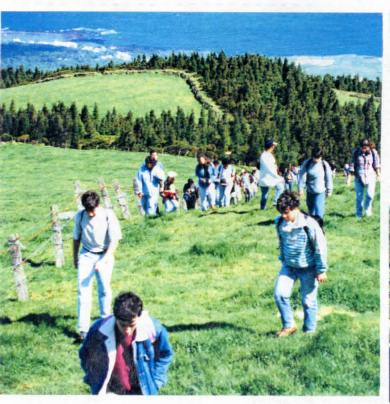
A manutenção física é, pois, um dos objectivos destas caminhadas, mas não é o único. Pretende-se, também, que as pessoas convivam alegre e despreocupadamente. Deste convívio terão que surgir boas relações de camaradagem, altruismo e uma troca de conhecimentos e experiências que a todos enriquece.

A grande maioria daqueles que acorrem a estas caminhadas são estudantes e professores, que tomam contacto directo com o ambiente que nos rodeia e, rapidamente, compreendem como é necessário e benéfico preservarem-se os nossos valores ambientais.

Todos se manifestam agradavelmente surpreendidos com o que lhes é dado observar. E, entre os estudantes universitários, existem alguns de outras nacionalidades, nomeadamente holandeses, que adoram ver aqui o que não encontram nos seus países de origem.

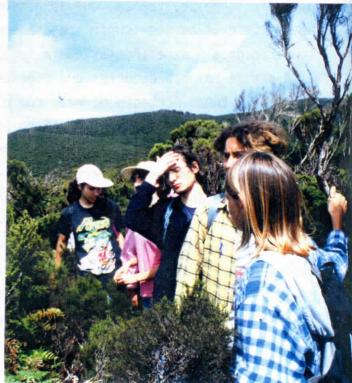
Mas não são só estudantes e professores aqueles que frequentam estes passeios. Variadíssimas profissões estão representadas, englobando várias classes etárias, desde os 10 aos 65 anos, todos se ajudando mutuamente, num são espírito de camaradagem.

E não existe qualquer onerosidade envolvida nestes passeios, ou seja, quem tem viatura graciosamente acede a transportar quem não tem. São raras as hipóteses em que se torna necessário o recurso a meios alternativos (táxis). Até ao final do ano pas-









sado, o Regimento de Infantaria de Angra prestou óptima colaboração. Este ano, infelizmente, não o fez, mas, para este passeio conseguiu-se o apoio de uma carrinha da Cruz Vermelha, a qual foi fundamental para o sucesso da expedição.





#### PARTICIPANTES

ALBANO PEREIRA - ALEXANDRE MOREIRA - ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - AMÉLIA GOMES - ANA CRUZ - ANA ROCHA - ANNEKE KRANNENBURG - ANTAO CAÇADOR - ANTONIO MIRANDA -AR-NALDO PIRES - BOOJIE COWELL - BRIGITTE BECU - BRUNO MACHADO - CANDIDA FERREIRA - CANDIDA MENDES - CARLA CERDEIRA - CARLA RIBEIRO - CARLA SILVA - CIDÁLIA SILVEIRA CLAUDIA CECÍLIO - DARIO FURTADO - DUARTE SILVA - ELIZABETE COSTA - ELIZABETE OLIVEIRA - ELSA VAZ - FERNANDO PEREIRA (PARDAL) - FERNANDO PEREIRA - FILIPA AVELAR - FILIPE SILVEIRA - FLÁVIA ÁZERA - FRANCISCO CESAR - FRANCISCO INACIO - FREDERICO ARMAS - GONÇALO PINHEIRO - HELENA MOURA - HÉLIO SANTOS - JOÃO FRAGUEIRO - JOÃO RODRIGUES - JOAQUIM CERQUEIRA - JOSÉ MARIA JOSÉ SILVA - JOSÉ SIMAS - LEONOR REIS LÍDIA DINIS - LUIS NUNES - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS - LUIS VIEIRA -LAURA FERREIRA - MARINA FABRICIO - MIGUEL FARRAJO - NADEJA CUNHA - NUNO ALEXANDRE - PATRICIA DIAS - PAULO BARCELOS - PAULO DINIS - PAULO MONTEIRO - PAULO SOARES - PEDRO BORBA - PEDRO NOGUEIRA - RENATO BETTENCOURT - RUI ARAŨJO - RUI TEIXEIRA - SARA MASSIAS - SUSANA SILVA - TELMA CORREIA - TIAGO AVELAR - TIM SEYNAEVE - TOMÁS PEDRO - URSULA CUNHA - VANESSA FRANCO - XÉNIA VIEIRA. - ANA RIBEIRA.



Aqui ficam os nossos agradecimentos à delegação da Cruz Vermelha e ao José Duarte (que teve que esperar mais de 1 hora, por atraso na conclusão do percurso), e também a todos os condutores que acederam a fornecer "boleias" a quem não tinha transporte. A isto se chama ALTRUISMO.

Resta acrescentar que esta caminhada englobou cerca de 10 km de área percorrida, com algumas dificuldades de permeio, mas com toda a gente a chegar bem ao final, e ficando já a aguardar ansiosamente a próxima caminhada.

"OS MONTANHEIROS"



## GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (30)

- ILHA TERCEIRA -

**БВИТА ВА АСНАВА** 

Localização: Achada, Biscoito das Fon-

tinhas (Golfe)

Altitude: 310m U.T.M.: 4868/42870 Comprimento: 169,8m Altura: 0,60/1,70m Largura: 1,20/8,70m



Apesar de conhecida de "OS MONTANHEIROS" desde a década de 70, só no início desta foi alvo de estudo espeleológico.

Está situada do lado direito da estrada (via rápida) Angra-Praia, por alturas do cruzamento para o Campo de Golfe, fazendo-se o desenvolvimento da corrente de lava no sentido N-S, com inflexão para W-E e, finalmente, SW-NE. Faz parte do complexo de lavas que, transbordando da Caldeira do Guilherme Moniz e contornando o Pico do Gualpanal, correram para NE até ao Picão (a SE da freguesia das Lajes), percorrendo uma distância de cerca de 7 km. Ao mesmo complexo lávico pertencem outras grutas, tais como: Gruta do Santa Maria, Furna do Cabrito, Furna da Água e Gruta do Camelo.

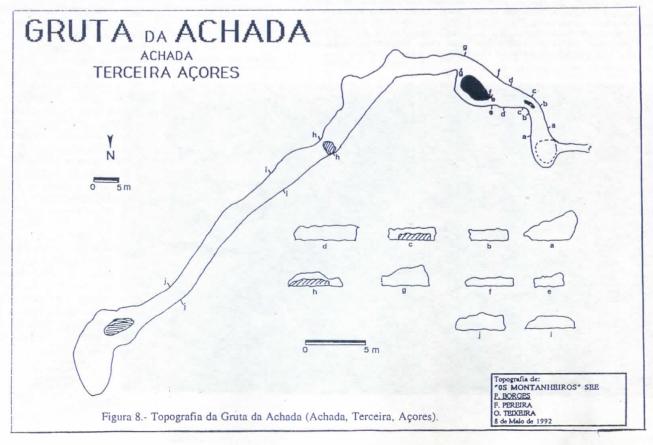
A entrada nesta gruta faz-se através de um desabamento do tecto, onde o pavimento está revestido por fetos, de que é exemplo o tipo "selaginella kraussiana".

Trata-se de um tubo de lava "unitário", com 169m de desenvolvimento conhecido. O pavimento é, na sua quase totalidade, do tipo "aa", o que, aliado ao facto de as alturas serem sempre baixas, do tipo semi-rastejante, dificulta imenso a progressão.

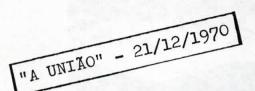


Para além de topografada, foi esta gruta também filmada por "OS MONTANHEIROS", em 1992, constando os respectivos registos dos arquivos desta Sociedade.

Recentemente, nesta zona de "mistério",procedeu-se a um aterro, na área a S da entrada para este tubo lávico. Aqui se deixa um apelo, no sentido de,se toda aquela área tiver que ser recoberta, pelo menos se delimite esse recobrimento na entrada da gruta, a fim de se preservar o património vulcanoespeleológico terceirense.



## RECURTES DU ALBUM



## Trabalhando activamente para a celebração da Missa nas entranhas da terra (Os Montanheiros) continuam a sua acção meritória

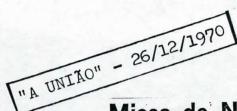
Ontem foi dia atarefado para | «Os Montanheiros». Um dia de trabalho como tantos outros. Um dia de «descanso semanal» todo ocupado em beneficio da colectividade. Trabalhar no subsolo, na alegria de «mostrar» aos outros aquilo que a Natureza realizou, sem mira nos lucros materiais que diminuem a personalidade, constitui uma facesondidade, constitut una pace ta de actividade que merece apoio e estímulo. Dá gosto, e im-põe respeito, vê-los continuando nos trabalhos árduos que têm de realizar por si mesmos, mostrando claramente que se pode eproduzirs numa terra onde ha tanto que fazer e encontramos tanta gente sem se preocupar com aquilo que espera a nossa presença, o nosso esforço a nossa entrega. Porque uma das gran-des dificuldades de cada qual é saber entregar-se com projecção eficiente.

A «Gruta do Natal», sob a Lagoa do Negro, constitui mais um motivo de triunfo da nossa associação espeleológica. Ali foi celebrada Missa de nactividade no ano passado. Este ano. «Os

Monttnheiros» pretendem repetir a cerimónia emotiva e sempre dignificante que teve como cenário as abóbadas crespas da-

quela gruta. Estão a introduzir-se melhoramentos de acesso e amplando as «salas» em que se prevê maior afluência do público. No exte-rior, uma casa rústica, bem para o século XVIII, está virtualmente construida. No minúsculo reduto, o busto de um «negro», produto de uma vocação nata, José Orlando Chaves Soares de Souta, neto do que em vida se chamou Manuel Almeida Chaves,

o conhecido «Mestre Chaves». O silêncio do ermo, cortado peka aragem roçando os arbustos e a terra. disforça a actividade que se desenrola nas entranhas da terra. «Os Monta-nheiros», lá em baixo, como mi-neiros, trabalham; a Lagoa do Negro, cá em cima, espelha-se em reflexos contra o Sol. Olhamo-la. Diante deste contraste, ficámos pensando nos homens que trabalham, e nas «coisas» que nada produzem... mas que são panorama...



## Missa do Natal na gruta do mesmo nome E INAUGURAÇÃO do «LAR DO MONTANHEIRO»

Ontem o sr. Patriarca das Indias, D. José Vieira Alvernaz, celebrou pelas 11 horas Missa na «Gruta do Natal» por baixo da Lagoa do Negro que «Os Montanheiros» descobriram e carinhosamente puzeram ao serviço do público. Assistiram mais de meio milhar de pessoas.

Na mesma ocasião foi benzido e inaugurado o «Lar do Montanheiro» ali construído — uma casa rústica decorada ao gosto popular.

Durante o dia de ontem mais de dois milhares de pessoas visitaram a Gruta e o Lar, tanto nacionais como estrangeiros, nomeadamente o governador do Distrito e o bispo da Diocese.

«Os Montanheiros» uma associação impar e meritória, com um espírito de sacrifício e vontade de servir quase inauditos em nossos dias —, ali estiveram sempre, prestando com a maior atenção, afabilidade e carinho os seus melhores préstimos aos visitantes.

É digno de ver-se o trabalho ali realizado e, segundo nos consta, a Gruta voltará a estar aberta amanhã.

A propósito, ocorre-nos lembrar que o vandalismo praticado no Algar do Carvão, destruindo o esforço meritório de «Os Montanheiros» na construção de uma escada de acesso, não pode ficar assim sem a devida satisfação dada ao público e sem que justiça seja feita.





Fica situada no interior da Ilha (nos «Picos Gordos») com o pormenor bi-zarro, verdadeiramente intrigante, de estender por debaixo de um lago («Lagoa do Negro»).

(«Lagoa do Negro»).

No comprimento máximo, a galeria principal mede 210 metros, tendo a altura de 6 metros e a largura de 5. A extensão total de todas as galerias exploradas compreende 510 metros.

Foi construída uma escada de acesso, com 43 degraus, toda de madeira, em dois lanços, assim se vencendo o desnivel de 10 metros.

No dia 25 de Dezembro de 1969, esta gruta foi pela primeira vez franquea-da ao público. Aproveitando-se a parte mais larga, num ângulo de bifurcação formado por duas ramificações, a 65 metros da entrada, neste local foi ce-lebrada Missa em subsolo vulcânico, caso inédito. Foi oficiante o Patriarca das Indias, Senhor D. José Vieira Alver-naz, e assistirem cerca de um milhar de pessoas. A partir desta data, esta galeria passou a ser conhecida por «Gru-ta do Natal». Durante 5 días 9 000 vísitantes ali acorreram curiosos para admirar o estranho fenómeno vulcânico em que por cima das abóbadas assenta o leito duma bonita lagoa!.

Alberto Moniz, "Diário Insular" 31/5/1970

"DIÁRIO INSULAR" - 30/12/1970

## DE 1970 PARA 1971 OS MONTANHEIROS REABREM NO DIA DE ANO NOVO

A «GRUTA DO NATAL» E O «LAR DO MONTANHEIRO»

No ambiente agreste e misterioso onde está situada a Lagoa do Negro, «pérola» do vale dos Picos Cordos e Mistério Negro (erupção de 1761), há um
runel vulcânico que foi explorado e
baptizado pelo grupo de valentes e
briosos rapazes que formam a família
associativa de «OS MONTANHEIROS»:
e a «GRUTA DO NATAL». Ali, pelo segundo ano consecutivo em Dia de Natal foi celebrada missa pelo venerando Patriarca das Indias, Sr. D. José Vieira Alvernaz, acolitado por Cónego Jeremias Simões e Dr. Vasco Parreira. Assistiram 700 pessoas.

Toda a gruta está ornamentada com
árvores do Natal e séries de lámpadas
sendo o aspecto mais feérico. Num dos
reconditos a seguir ao altar foi montado um presépio com figuras de tama-

do um presépio com figuras de tama-nho natural.

Depois da visita àquele mundo subbepois da visita aquere muntos such terrâneo, regressamos ao passado, mea-dos do Séc. XVII a XVIII, quando en-trámos no «LAR DO MONTANHEIRO», cópia fiel da habitação de antanho, utensilios, mobiliário, vestiário e até costumes representados por duas figu-

Pudemos destacar peças de grande valor, pois muitas delas são já inexis-tentes e desconhecidas da nova geração,

tentes e desconhecidas da nova geração, nás como: a candeia, o fuso, a roca, as cardas, a queijeira, o fusil, a bexiga da gordura, o moinho de mão, etc., etc.. Ali no interior sentimos como que uma nostalgia daqueles remotos tem-pos em que a vida do nosso homem do 'campo era simples mas alegre e rodea-ta da magia da paisagem, que não exis-re nas nossas cidades. No passado Domingo foi lançada na Lagoa do Negro, pela primeira vez, uma Lagoa do Negro, pela primeira vez, uma

No passado Lomingo toi iançado rie Lagoa do Negro, pela primeira vez, uma embarcação a remos, a «MARINA», para mostrar que é possível fazer-se na-quele local um parque para veraneio, ou de campismo, pois tem todas as condições.

orçoes.

Foram inúmeros os visitantes à Cruta do Natel e Lar do Montanheiro embora o Domingo estivesse. bastante fresco, tendo sido aproximadamente duzentas as Viaturas, com excursionistas, totalizando cerca de 1 000 pessoas.

Segundo informam os Montanheiros, estarão patentes ao público no próximo dia 1 de Janeiro em hora a anun-

mo dia 1 de Janeiro em hore a arun-ciar aquelas duas atracções. Esta iniciativa poderá ser utilizada por aquela colectividade nos dias de vi-sita de-estrangeiros e continentais quan-do as viagens do «Funchal», para mos-trar os nossos usos e costumes que bem exemplificados estão no LAR DO MON-TANHEIRO. Parabéns, pois quem faz o que pode faz o que deve.

30/12/1990

"Gruta do Natal"

e «Lar do Montanheiro»

duas atraccões de nível turístico

UNIAO No ambiente bucólico, agreste e misterioso onde está situada a Lagoa do Negro, pérola incrustada no vale dos Picos Gordos e Mistério Negro (erupção de 1751). A forma rules de 1751 hefore transcriptor de 1751 hefore rules de 1751 hefore rule 1761), há um túnel vulcâ-nico tal como que o aparelho respiratório daquela la-goa, explorado e baptizado pelo grupo de valentes e briosos rapazes que formam a familia associativa de «OS MONTANHE I ROS»,

por «GRUTA DO NATAL». por «GRUTA DO NATAL».

Celebrou-se pela 2.º vez,
as 11.30 horas de 25 passado, pelo venerando Patriarca das Indias, sr. D.
José Vieira Alvernaz, acolitado pelo Cónego Jeremias
Simões e dr. Vasco Par-

reira, no Salão Nobre da-quela gruta, a que assisti-ram 700 pessoas. Toda a gruta está orna-mentada com árvores de Natal e séries de lâmpadas com lha dão o aspecto mais Natal e series de lampadas que lhe dão o aspecto mais feérico que possa imaginar-se. Num dos reconditos a seguir ao altar, foi monta-do um presépio com figu-ras de tamanho natural.

Depois de efectuar a visita aquele mundo subter-râneo, como na Viagem ao Centro da Terra, de Júlio Verne; nós regressamos ao passado, meados do séc. XVII a XVIII, quando en-tramos no «LAR DO MON-TANHEIRO», cópia fiel da habitação de antanho, com instrumentos, mobil i á r i c, vestuário e até costumes representados por duas fi-guras, sita aquele mundo subter-

Podemos destacar peças de grande valor, pois mui-tas delas são já inexisten-tes e desconhecidas da nova geração, tais como: a candeia, o fuso, a roca, a carda, a queijeira, o fusil etc., etc.,

Ali no interior sentimos como que uma nostalgia da-queles remotos tempos em que a vida do nosso homem de campo era simples mas alegre e rodeada da magia da paisagem, que não existe nas nossas cidades.
O vento a assobiar bai-

xinho no tecto de colmo, o marulhar das águas da Lagoa como que entoavam em surdina a Overture «WIL-LIAM TELL» de Rossini.

LIAM TELLs de Rossini.

No passado Domingo foi lançada na Lagoa do Negro, pela 1. vez, uma enibarcação a remos de nome «MARINA», para mostrar que é possivei fazer-se naquele local um parque para veraneio, ou de campismo, pois tem todas as condições.

Foram inúmeros os visi-tantes à Gruta do Natal e Lar do Montanheiro embo-Lar do Montanneiro embo-ra o Domingo estivesse bas-tante fresco, tendo lá ido aproximadamente 200 vin-turas ligeiras e 1 posada com excursão da freguesia de-Sta. Bárbara, totalizan-do cerca de 1000 pessoas.

Segundo informam os Montanheiros, estarão pa-tentes ao público no próxi-mo dia 1 de Janeiro em hora a anunciar aquelas duas atracções.

Bem hajam por mais esta iniciativa que poderá ser utilizada por aquela colectiutnizada por aqueia conceri-vidade nos dias de visita de estrangeiros e continentais aquando das viagens do «Funchal», mostrando os nossos usos e costumes que bem exemplificados estão no LAR DO MONTANHEI-RO Partidos Oracos Esta-RO. Parabéns. Quem faz que pode, faz o que deve.

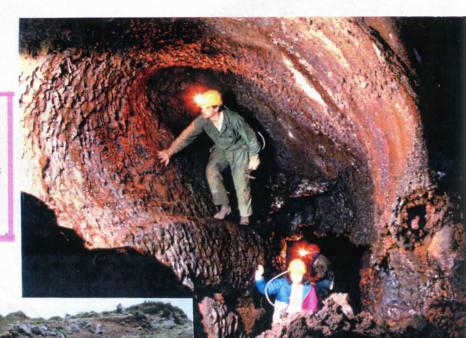


# ULTIMU PINGU

EVITÁVEL...!

ANTES... (à direita):

Um aspecto da "sala" mais espectacular da GRUTA DO CAMELO, que existia, na sua totalidade, ainda há alguns anos junto à Furna da Água, ao Cabrito, como produto de corrente lávica saída da Caldeira do Guilherme Moniz...



...DEPOIS ( à esquerda):

Nada restou dessa bela "sala", após as obras lá efectuadas, produto de rebentamento com explosivo. Pode ver-se a agora actual entrada/saída da referida gruta e o vácuo que ficou.de dimensões perfeitamente escusadas.onde existia aquela "sala". Oxalá não se repitam actos de natureza análoga, sem consulta prévia a quem conheça o património vulcanoespeleológico acoreano!!!



ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS" REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rocha, 6/8 9700 ANGRA DO HEROÍSMO — TERCEIRA/AÇORES TELEFONE 22992

- DISTRIBUIÇÃO GRATUITA -

